

PERLA - PROJETO EDUCATIVO REGIONAL LASSALISTA LATINO-AMERICANO

Irmão Óscar Azmitia, fsc

INTRODUÇÃO

PERLA é o intitutivo do “*Projeto Educativo Lassalista Latino-americano*”. É uma sigla sugestiva, porque em espanhol existe o termo homônimo homófono *perla*, que significa “pérola”, jóia, gema, termos associados à joalheria, pedra preciosa, de grande valor e digna de estima. Terá sido por acaso, ou acaso não será evidente, que os elementos do projeto foram arranjados de tal maneira que a sigla resultasse em PERLA? – Mas, é exatamente isso. Trata-se de uma pérola, uma jóia, um projeto do qual muito se falará, e ao qual ainda se fará referência por longos anos.

Partir do contexto, da realidade, parece óbvio, mas nem sempre é evidente. Após a leitura da primeira parte, que versa a contextualização ou o quadro de fundo, os leitores deste Caderno, concordarão que, raras vezes, se terão deparado com uma análise tão profunda, global, pormenorizada e documentada, preliminar de qualquer projeto. Longe de se quedarem afligidos ou inermes ante uma realidade que parece condenada a nunca se erguer do chão, os forjadores deste projeto (eles próprios confessam que, mais do que de um projeto, trata-se de um sonho), dando mostras de um ardor profético, comprometendo-se e comprometendo a milhares de lassalistas, “de baixo para cima, e de cima para baixo”, firmam as bases para que o carisma lassalista se mantenha mais vivo do que nunca.

Segue uma segunda parte, bem extensa, tão necessária quanto a primeira, em que são estudados, meditados e propostos meios referentes às urgências educativas da América Latina, emergências como nos hospitais. Situações críticas, pois a intervenção deverá ser precisa, rápida, acertada, pois, após um diagnóstico como o inicial, qualquer segundo perdido pode ser funesto. Ao longo dessa segunda parte, mais do que a identificação das necessidades, impressionam mais os meios empregados para remediá-las, porque um projeto, forçosamente tem que ser prático. Juntar harmonicamente a democratização do saber, o acesso às novas tecnologias, o respeito ecológico e os direitos humanos no marco da onipresente “qualidade”, serão os veículos para responder eficazmente a tais urgências.

No restante do caderno o plano é concretizado. Não tenho a intenção de desvendá-lo aqui, nem sequer assinalar seus elementos. Os leitores, após um mergulho sossegado na leitura, agradecerão por não terem sido predispostos ou condicionados para uma interpretação prévia, e muito menos que lhes tenha sido revelado onde o tesouro pode ser encontrado.

Se alguém, por uma razão ou outra, não puder ler todo o caderno, sempre será conveniente que esteja a par das grandezas dessa colossal aventura:

- O pobre é e sempre será o alvo;
- Trata-se de um instrumento que responde às exigências da atual associação;
- Implica num compromisso pessoal e num compromisso comunitário;
- Pressupõe uma colaboração e interdependência de todas as Províncias latino-americanas;
- É um projeto a ser permanentemente enriquecido, pois está sempre aberto;

- Atende por igual a todos os níveis educativos.

Para proveito pessoal este Caderno está freqüentemente enriquecido por numerosas contribuições e ensinamentos, muitas vezes na forma de citações vindas dos mundos lassalista, eclesial, literário e político. Com certeza, um estimulante a mais para uma bem

Irmão Alfonso Novillo, fsc

1 - A AMÉRICA LATINA E O CARIBE

PALCO DO PERLA

*“De aldeia em aldeia, de cidade em cidade, temos sido
testemunhas da mais extrema miséria: casebres de
adobe preto, em terra preta, com crianças sujas de
lama preta; homens e mulheres com a pele do rosto
tisonada pelo frio, olhos onde as lágrimas persistiram
congeladas durante séculos, a ponto de não definir se
eram de sal ou de pedra...”*

*Músicas de flautas pastoris e de pífaros,
que traduzem a imensa solidade,
sem tempo, sem deuses, sem sol, sem milho.*

Somente o barro e o vento”

Oswaldo Guayasamín

A AMÉRICA LATINA, UM TELÃO MULTICULTURAL...

A conquista dos povos indígenas foi um evento fundamental do milênio passado, e ainda há aqueles que gostariam de reeditá-lo nos albores do novo milênio. Acontece, porém, que não houve uma única história, mas muitas histórias. Não houve uma única cultura, mas muitas culturas.

A América Latina é muito diversa. E essa enorme diversidade deve ser vista mais como uma riqueza do que um problema ou um empecilho. Não aconteceu assim na história, pois os povos originários foram discriminados e excluídos do acesso à fruição dos bens e dos serviços sociais, e, além do mais, lhes foi negado o direito de viverem em termos dos princípios que emanam de suas próprias culturas.

Mais de 500 anos de Eucaristia e de carestia... Mais de 500 anos de exclusão!

O futuro da América Latina e do Caribe depende grandemente da implantação da justiça, da igualdade e de novos relacionamentos interculturais que garantam o respeito às diferenças. Mas, nenhum destes requisitos surgirá por geração espontânea. Têm que ser construídos.

“Tenho direito à igualdade quando a diferença me interioriza. Mas tenho direito à diferença quando a igualdade me descaracteriza”. Esta asserção de Boaventura Sousa dos Santos expressa sabiamente o caminho para abordar os novos relacionamentos interculturais na região.

“Não quero que minha casa seja cercada de muros pelos quatro lados, e que as minhas janelas sejam protegidas com grades. Quero que as culturas de todas as terras circulem por minha casa tão livremente quanto possível. Mas, nego-me a ser derrubado por qualquer uma delas que seja” (Gandhi).

A América Latina e o Caribe no Novo Contexto da Globalização

“A América Latina é o continente das veias abertas. Desde o descobrimento até os nossos dias tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se está acumulando nos longínquos centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundidades ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os humanos. O modo de produção e a estrutura das classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, a partir de fora, por sua incorporação na engrenagem universal do capitalismo” (Eduardo Galeano).

Na segunda metade da década de 1980, surgiram profundos processos de transformação em âmbito mundial:

- Mudanças na economia dominante – crise do petróleo, queda do dólar e da produtividade norte-americana, início da formação do Bloco Europeu, reorientação das políticas econômicas, para o mercado neoliberal em vez do capitalismo do *Estado Assistencial*;
- A Queda do bloco socialista, encabeçado pela URSS, que levou muita gente a questionar a unipolaridade do mundo, e mesmo a morte *aparente* das ideologias.

Nestes últimos anos, a América Latina e o Caribe têm enfrentado um conjunto de mudanças associadas com as transformações de nítida índole neoliberal – que iniciaram nos anos finais

da década de 1980, bem como o peso da crise ainda não superada da dívida e com os problemas estruturais enraizados na história da região.

Num contexto novo de mundialização da economia e de globalização, o crescimento negativo e o estancamento da produtividade têm sido frustrantes durante as últimas duas décadas – somente três países alcançaram no crescimento econômico e produtividade, médias iguais ou superiores aos três decênios anteriores à crise da dívida -, enquanto que a instabilidade do crescimento econômico e as sucessivas crises financeiras revelavam a intensificação de algumas de suas causas e afetaram ainda mais a distribuição desigual da renda e dos recursos que caracterizam a região que, no conjunto, mostra uma deterioração de longo prazo, como parte de uma tendência que já se insinua como global.

Por sua vez, o cenário que pressupõe a globalização, tem um caráter contraditório e ambivalente que aparece como ameaça e promessa, sem dúvida nenhuma descortinando importantes campos para a ação social e política. Até este momento, a brutal realidade nos mostra que a ameaça se materializou, e que ainda não se marcou data para o cumprimento da promessa.

Como parte desse processo, estamos assistindo também ao surgimento de uma nova conspiração social transnacional em que ficam frente a frente dinâmicas domésticas e internacionais em torno de temas e reivindicações globais que são parte da configuração da nova ordem que está surgindo.

A América Latina, um Continente Empobrecido...

Após quase duas décadas de políticas de ajuste estrutural e estabilização, do império das políticas do denominado Acordo de Washington, é evidente que a situação da região continua sendo dramática. Em muitos casos a situação piorou, como os seguintes indicadores estão a evidenciar:

- ✓ A taxa de crescimento do PIB (*Produto Interno Bruto*) regional, segundo a CEPAL (*Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe*) nos três últimos anos decaiu e está muito abaixo do 2,7% anual, necessário para reduzir em 50% o número de pessoas que sobrevivem com um dólar por dia;
- ✓ Os índices de desemprego se incrementaram na década de 1990, chegando a 10,7%, em 2004;
- ✓ Mesmo que a proporção de famílias pobres tenha diminuído em 2% na década passada, na América Latina e no Caribe ainda há 174 milhões de famílias pobres e 78 milhões em extrema pobreza.¹ Havia 40 e 20 milhões mais, respectivamente, que na década de 1980.

O pauperismo na América Latina avançou em passos gigantes.

Uma Região com Problemas de Emprego

A expansão da área urbana informal, notória agora, pois sabemos que um terço da população operária da região trabalha por conta própria – três vezes mais que nos países da OCDE

¹ Foram usados aqui os dados do Banco Mundial, que são os mais moderados. A CEPAL fala de 240 milhões de pobres, e de cerca de 90 milhões de indigentes; existem ainda diversas estatísticas que fixam essas cifras em cerca de 300 milhões. Quanto a isto, ver Wodon Quentin T (Editor): *Poverty and policy in Latin America and the Caribbean*, Draft World Bank, 15 de fevereiro de 2000.

(*Organização de Cooperação do Desenvolvimento Econômico*) – nestes recentes anos, transformou esta área na matriz principal de empregos. No Peru, por exemplo, entre 1995 e 1997, foram gerados 800.000 postos de trabalho informal comparativamente aos 500.000 gerados pelo setor formal. Esta situação é muito grave, porque como foi demonstrado tanto pela CEPAL como pela OIT (*Organização Internacional do Trabalho*), a informalidade é, à larga, geradora da pobreza, entre outras razões, porque se concentra nos setores de mais baixa produtividade.

A imigração por razões econômicas é vista como alternativa para a busca de emprego. Nove hondurenhos, em média, imigram a cada hora nos Estados Unidos, em busca de melhores condições de vida. Em países como o Equador, Peru, Guatemala, El Salvador e Nicarágua a carência financeira de muitas famílias é amortecida, e elas praticamente subsistem mercê das remessas de dinheiro por parentes que vivem no exterior. Somente na Guatemala, em 2003, essa remessa representou 7,8 milhões de dólares por dia, de acordo com dados oficiais, bem mais que a exportação de café, e os valores provindos do turismo.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que não têm tempo para perder o tempo.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que não dispõem de tempo de silêncio, e não podem comprá-lo.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que têm pernas que se esquecem de caminhar, assim com as asas das galinhas que se esquecem de voar.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que comem lixo e pagam por ele como se fosse comida.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que têm o direito de respirar sujeira, como se fosse ar, sem precisar pagar por isto.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que não têm outra liberdade que a liberdade de optar entre um ou outro canal de televisão.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que vivem dramas passionais com máquinas.

Os pobres, os realmente pobres, são aqueles que sempre são muitos e sempre estão sozinhos.

O pobres, os realmente pobres, são aqueles que não sabem que são pobres.

Eduardo Galeano

A Região das Maiores Desigualdades do Planeta ²

Chama a atenção que, malgrado o PIB da maioria dos países da região latino-americana ter crescido paulatinamente, especialmente na década de 1990 (após o decréscimo na década dos anos oitentas, conhecida como a “Década Perdida”), a Tabela Gini ³ que mede o grau de distribuição da riqueza, isto é, a igualdade ou a desigualdade numa sociedade, indica as sociedades mais

² Cf. Carlos Gómez, 2003

³ A Tabela Gini é uma escala de 0 a 1. Uma sociedade com índice 0 é absolutamente igualitária, isto é, com repartição homogênea da riqueza. Uma sociedade com índice 1, significa que é absolutamente desigual. É óbvio que nenhuma nação tem índice 0 ou 1, mas a proximidade a 1 significa mais injustiça, e a aproximação a 0 denota maiores níveis de equidade.

desiguais). Isto significa que o PIB cresceu, e juntamente com ele cresceram as políticas excludentes geradoras de injustiças e desigualdades. Fica assim ratificado, o que a seu devido tempo, os bispos reunidos em Puebla afirmaram: “*Nossos países produzem ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres*”.

Crescimento do PIB sem melhoras no índice *Gini* significa maior riqueza no continente, mas concentrada em menos mãos e repartida inequitativamente. Ainda que a situação seja semelhante em todo o mundo, inclusive nos países do Norte, ou desenvolvidos, no Sul a situação se torna extremamente difícil, tomado em conta o número de pessoas que vivem abaixo dos níveis de pobreza absoluta, que na América Latina e no Caribe chega a uma média de 50%.

Num certo sentido poderíamos dizer que a globalização da economia, tão enaltecida e defendida pelos neoliberais, só colaborou para globalizar a pobreza, mas, de jeito nenhum trouxe o tão veementemente desejado progresso e a repartição justa da riqueza, promessa defendida com tanto ardor ao serem implementadas as primeiras medidas de economia do livre mercado. As privatizações indiscriminadas e, inclusive, a recusa do estado em subsidiar os mais pobres, criaram uma nova categoria social: os excluídos.

A desigualdade na distribuição das verbas, de per si a maior do planeta, cresceu ainda mais; medida pelo coeficiente de *Gini* passou de 0,54 em 1986 a 0,57 em 1997, e continua crescendo.

Este fenômeno nos lembra que o problema fundamental da região não é a pobreza mas a desigualdade e a exclusão, que são produtos de políticas equivocadas e da posição de dependência que a região está ocupando – desde há séculos – na escala mundial.

Mesmo em economias de maior crescimento – como a chilena, que aparece como modelo padrão – a desigualdade passou de 0,44 a 0,58 para o período mencionado.⁴

Os elevados níveis de pobreza da região e o incremento da desigualdade tornam cada vez mais precários e vazios de conteúdo os sistemas políticos eleitorais, evidenciando a debilitação do modelo de desenvolvimento e integração da globalização, alentado por acordos multilaterais.

Mesmo que se tenham verificado alguns avanços na correção dos desequilíbrios fiscais, na redução da inflação e na aceleração do crescimento das exportações, que se evidenciaram por um modesto crescimento no período analisado, as perspectivas da região não são das melhores. Fica cada vez mais claro que o custo desses relativos avanços nos macro-indicadores recai nos ombros dos setores mais frágeis e vulneráveis da região.

Como foi registrado num recente relatório no UNPD (*United Nations Program for Development*) parecem consolidar-se simultaneamente a democracia eleitoral (eleições periódicas e livres, liberdades políticas, liberdade de expressão e extensão relativa dos sistemas democráticos)

⁴ Hoje em dia, para muitos economistas está claro que não se pode afirmar que o desenvolvimento econômico seja uma condição para reduzir a pobreza. Isto se deve ao fato de que não existe uma teoria econômica da distribuição, que é o efeito combinado de estratégias econômicas e políticas públicas, orientadas especialmente para uma determinada finalidade. Nem todo crescimento gera distribuição de riqueza; as variáveis que intervêm nesta relação também são de natureza política. – Referente a isto, ver, FLEURY, Sonia: *Política social, exclusión y equidad en América Latina en los 90*, em *Nueva Sociedad*, N° 156, Caracas, julho-agosto de 1998.

e a pobreza (43,9% da população regional com rendimentos abaixo da linha da pobreza) e a desigualdade mais elevada do planeta (0,552, com base no coeficiente de *Gini*). Deste modo, a região se enquadra num triângulo decididamente sinistro e perverso.

Paradoxalmente, em vez de oferecer uma chance para a intensificação da equidade, da solidariedade e da justiça, o extraordinário progresso tecnológico a que humanidade está assistindo, e o acesso a abundantes novos recursos em nossa região, podem condenar ainda mais à exclusão e à exploração uma ampla maioria de nossa população, e contribuir para o agravamento da preocupante erosão das próprias bases da débil coesão social que existe na região.

Infelizmente, a cada dia que passa, isto faz que cresça o número de cidadãos e cidadãs que questionam o valor do modelo democrático, e o associá-lo com mais pobreza, mais corrupção, mais demagogia e injustiça. Inclusive, cresce o número de pessoas que têm saudades dos anos de regimes militares e autoritários do poder.

A denominada “democracia” latino-americana está evoluindo para um modelo norte-americano que consiste na possibilidade de optar entre a direita e a extrema esquerda.

Alguns são mais iguais que outros...

A desigualdade pode ser a consequência dos seguintes fatos:

Nas áreas rurais, onde se concentra o maior número de pobres, estes continuam excluídos do acesso à propriedade da terra, à assistência técnica, aos mercados justos e ao crédito. Exemplificando, no Equador, 1,6% das fazendas da serra ocupam 42,9% da terra; no El Salvador, 87% dos camponeses ocupam 25% das terras agrícolas, ao passo que 3% dos donos de propriedades rurais controlam 44% das terras cultiváveis, expressando uma tendência que o próprio Banco Mundial constata em toda a região.

As condições de exploração e de exclusão não só não pararam, mas estão piorando e se aprofundando. Ao lado dessas condições econômicas e de trabalho – consensualmente entendidas como problemas – se perpetuam a discriminação social (por sexo, idade, etnias e por níveis sócio-econômicos), a ausência de espaços de expressão e de criatividade individual e coletiva, e uma crescente depreciação das culturas locais ante a globalização. A exclusão na região pressupõe a negação da cidadania, o que lhe confere um fundamento antes político do que econômico, e que se expressa pelo fato de não pertencer a uma comunidade política, nem sequer a uma comunidade de direito.⁵

Por outro lado, na América Latina e no Caribe, as pessoas sofredoras de deficiências, de acordo com a UNICEF (*United Nations International Children's Emergency Fund*) totalizam 11,6% da população, e de acordo com o BID (*International Bank for Development*) 12,7%. O desemprego afeta a mais de 98% das pessoas com deficiências, com a conseqüente deterioração das condições de vida de toda a família. Somente 0,07% da população com deficiências em idade

⁵ Como Santos lembra num texto de muita perspicácia, enquanto a desigualdade é um fenômeno sócio-econômico, e Marx foi seu grande teórico, a exclusão é um fenômeno de civilização, um fenômeno cultural e social. Enquanto o sistema da desigualdade, paradoxalmente, repousa sobre caráter essencial da igualdade, o sistema da exclusão repousa sobre um sistema de diferenças. – Ver SANTOS, Boaventura de Sousa: *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. VII Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 1995.

escolar é atendida pelo sistema educativo. Os 99,3% dessas pessoas ainda têm que provar que existem!

As pessoas deficientes, por sua natureza, necessitam de permanentes cuidados de saúde. Contudo, elas são excluídas do sistema, que de maneira geral, não dispõe dos necessários subsistemas especializados. Esta é uma área habitualmente ignorada e, com frequência, ausente nas políticas públicas. As organizações do setor, tanto das pessoas com deficiências como das pessoas que por elas devem zelar, apresentam sérias carências.

Nações em Crise...

Não obstante o aumento da pobreza e a explosiva realidade social de que padecem as maiorias na América Latina, a democracia eleitoral se foi consolidando nos diferentes países como única maneira possível de eleger os governantes. Isto, por si mesmo, significa um avanço, uma vez que os regimes ditatoriais progressivamente foram cedendo o lugar para eleições livres na maioria dos países.

Mas, a transição para a democracia não foi um caminho fácil a percorrer. Na verdade, hoje poderíamos dizer que a democracia se encontra ameaçada, precisamente pela manifesta incapacidade para resolver os grandes problemas da região.

A transição, primeiramente, deu azo a governos de tendência populista, e depois a governos de bem definido acento neoliberal. Estes foram os casos do Peru, da Bolívia, e do Equador. Todavia, não foi fácil equilibrar nem superar o binômio populismo-neoliberalismo.

A desesperança das maiorias e a debilidade dos partidos para canalizar os protestos e as aspirações populares são terreno fértil para propostas populistas, de caudilhismo e até mesmo de messianismo, nutridas por muitas promessas a um povo desesperado; por sua vez produzirão uma nova frustração de conseqüências insuspeitadas. Em certa medida, este parece ser o caso da Venezuela. Ou também, experiências com propostas que, no momento, se apresentavam como sociais, bem em breve deram lugar ao neoliberalismo voraz e galopante, como foi o caso do Peru.

No referente às nações latino-americanas, convém lembrar que as características que, historicamente, marcaram as relações entre o Estado e a Sociedade, e que explicam a crise estrutural do Estado – vontade de manter o controle sobre o patrimônio, autoritarismo, clientelismo e exclusão – se foram agravando com a globalização e se estão mantendo muito evidentes. A privatização do domínio público, a negação do direito de cidadania, democracias superficiais e de qualidade muito mediana, bem como a fragilidade de nossa soberania – em razão da nossa dependência do capital financeiro e das organizações multilaterais – fazem com que o Estado viva em “crise permanente”,⁶ e debilitam ainda mais a ética da convivência social com os conseqüentes problemas da crescente corrupção, insegurança e violência. Mesmo que algumas democracias da região tentem seguir seu próprio caminho de transformação social e de soberania em meio de grandes problemas, as condições gerais da América Latina e do Caribe aparentam ser muito desfavoráveis.

⁶ O conceito é de *Heinz Sonntag*. – Ver, *Hacia una teoría del capitalismo periférico*, em Sonntag, HEINZ e H. Valecillos: *El Estado en el capitalismo contemporáneo*, Siglo XXI editores, México, 1977.

Por outro lado, a política social se converteu no instrumento fundamental dos governos e dos organismos internacionais na luta contra a pobreza, tendo, *a priori*, limites muito claros, uma vez que define o mercado como nível fundamental da economia na região.

Os últimos processos eleitorais na América Latina e Caribe indicam uma certa tendência para a esquerda; para governos com mais sentido social, como os do Chile, Argentina, Brasil e Uruguai. Mas, a contradições próprias da globalização, a subordinação dependente dos Estados Unidos e o poder dos grupos de pressão das elites nesses países, não pressagiam que uma democracia autêntica, um dia não distante, chegue a ser uma realidade.

Até mesmo a democracia eleitoral se vê questionada pela atual realidade. Um dos efeitos dessa democracia tem sido a perda de confiança e de credulidade da população nos partidos políticos e nos seus dirigentes. O abuso da demagogia, o descumprimento de promessas, o recrudesimento da corrupção e do tráfico de drogas nos países... o agravamento destas situações tem levado a milhões de pessoas a se questionarem sobre a serventia da política e dos políticos. É critério cada vez mais generalizado que os políticos e os seus partidos são uma corja de crápulas, e quanto a isso, não faltam aqueles que no auge da frustração, dão seu voto “àquele que rouba mas faz”.

Uma Sociedade Civil Totalmente Desorganizada

Por seu lado, as mudanças que se operaram na sociedade regional estão produzindo seus efeitos (a transição de sociedades estruturadas em torno de setores produtivos claramente definidos para sociedades organizadas em torno de processos muito diluídos; de interesses articulados em torno de associações classistas a formas de representação menos claras e mais micro-sociais – ainda que tenham aumentado sua diversidade e expressividade e, por conseguinte, sua capacidade de impulsionar uma mudança cultural profunda, debilitaram parcialmente sua força para transformar o Estado e a economia.

Como *Carlos Franco* assevera com muita exatidão, o resultado de uma tal situação gerou o seguinte resultado: o Estado e a Sociedade Civil desempenham um papel acessório na integração social: a separação entre políticas sociais e a política econômica se amplia, as primeiras tornando-se mais e mais dependentes da segunda. Isto ocorre apesar da importância que assumem, entre outros meios, do ponto de vista das políticas como em termos de despesas, os fundos destinados aos investimentos sociais que foram criados para responder às políticas de ajuste e de estabilização.

Tão Próximo dos Estados Unidos e tão longe de Deus...

“O governo norte-americano proclamou em alta voz que tenciona governar o mundo pela força. O império expressou explicitamente que não irá tolerar nenhuma competição, nem agora nem no futuro – Esta sua doutrina não é nova, mas nunca antes fora proclamada tão abertamente, nem com tanta arrogância” (Eduardo Galeano).

A recente invasão do Iraque demonstra como “os donos do planeta impõem suas leis e decidem unilateralmente, de acordo com sua vocação guerreira, em nome de Deus e da democracia”, continua dizendo Galeano.

Os Tratados do Livre Comércio e a política exterior norte-americana estão avançando na região, aumentam seu domínio e obstaculizam nossos esforços de integração. Contudo, em certa medida, o poder hegemônico norte-americano tem retrocedido um pouco ante o avanço de governos de índole socialista, e/ou não submissos ao império. Cuba, Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, Venezuela e Panamá, são exemplificações dessa perda de domínio. Tanto assim que os Estados Unidos não puderam impor, pela primeira vez na história, seu candidato a Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos - OEA.

Simultaneamente, a tentativa européia de constituir um bloco capaz de manter seu protagonismo na política e na economia do mundo, o surpreendente declínio japonês, a complexa transição dos antigos países socialistas e a emergência da China e da Índia, configuram um cenário mais complexo que o anterior.

O “livre comércio” já penetrou na região, com suas seqüelas de maior subordinação de nossos países e mercados e a constante agravação da exclusão, enquanto que o bloqueio relativo dos processos de integração regional (Mercosul, Comunidade Andina e Comunidade Centro-americana de Nações), nos limita ainda mais em nossa vinculação com a globalização.

Da mesma maneira, o bloqueio virtual dos processos de integração regional, malgrado alguns lentos avanços, nos limita ainda mais em nossa vinculação com a globalização. O presidente *Chávez*, da Venezuela, propôs a “Alternativa Bolivariana para as Américas – ALBA”, como novo esquema de intercâmbio, que transborda, de muito, a visão mercantilista própria do “Acordo do Livre Comércio para as Américas – ALCA”, que visa a dar novas orientações e globalizar novos valores no conjunto da região.

Uma Região cada vez mais marginalizada para a Cooperação Internacional...

Apesar de existirem certas regiões com íntimos vínculos históricos e culturais que unem a Europa e a América Latina, acontece que esta realmente está marginalizada nas prioridades geopolíticas da Europa, nos intercâmbios comerciais e na destinação de seus investimentos. A União Européia (UE) privilegia seus relacionamentos com regiões mais próximas geograficamente, de mais risco para a estabilidade mundial, ou mais promissoras economicamente. No campo da cooperação, a Comunidade Européia deu prioridade a outras regiões, como a África, o Caribe e o Pacífico. Já no século XXI, apesar da existência de processos significativos que continuam vinculando-nos, e inclusive, encontram suas raízes nas origens das relações – como o Fórum Social das Américas - é claro que os termos que hão de marcar nossos relacionamentos mudaram e requerem uma redefinição para o que vem adiante. O contexto, mas também a história assim partilhada o exigem.

A Futura Agenda Latino-americana

Neste panorama parece evidente que a futura agenda latino-americana deve iniciar por um novo exame das estratégias de desenvolvimento e a proposição de uma visão diferente que entenda que o **desenvolvimento**, antes que um efeito do crescimento econômico, é o resultado da expansão de capacidades e da liberdade das pessoas. Capacidades que lhes permitam aceder a oportunidades distintas, buscando obter uma articulação honesta entre governabilidade, competitividade e integração social.

Neste contexto, entende-se também que a intervenção do Estado Nacional é necessária, ainda que insuficiente para estabelecer os mecanismos que evitem os efeitos destrutivos da globalização, e para estimular os indivíduos a se converterem em cidadãos ativos das sociedades que, a partir de sua organização e movimentos sociais (antigos e novos), participem na formulação e nas decisões políticas, controlando tanto o Estado como o mercado. Obviamente, a perspectiva de uma integração regional vem a ser ainda mais necessária e urgente.

O Desafio da elaboração de um Novo Modelo de Desenvolvimento e de Democracia

A recente crise na Argentina, sem dúvida, prova o esgotamento do modelo de desenvolvimento e de integração na globalização que é estimulada pelos organismos multilaterais; mesmo assim, põe de manifesto a profunda crise da política e as limitações da sociedade civil e dos setores e movimentos populares. Essa crise foi uma expressão mais de um continente convulsionado que se debate entre uma inserção subordinada à globalização, ou a possibilidade de um projeto próprio, que emite sinais fragmentados e contraditórios que vão desde a resistência, mais simbólica que real, dos zapatistas no México, até a difícil situação colombiana que serve de pretexto aos Estados Unidos para intensificar sua “guerra santa” contra o tráfico de entorpecentes e o terrorismo, ao mesmo tempo incrementando seu poder na região.

O continente latino-americano se defronta com o grande desafio de incorporar-se subordinadamente e nas piores condições na globalização ou elaborar um projeto próprio, projeto em que o **desenvolvimento** seja concebido como o resultado da expansão das capacidades e das liberdades do povo para ter acesso às diversas oportunidades e poder exercer plenamente seus direitos humanos, a partir de uma perspectiva integral, antes que como efeito de um crescimento econômico; um projeto em que a **democracia** seja entendida numa base de participação e a representação cotidianas e o pleno exercício dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais que correspondem aos valores da igualdade, da solidariedade e da não-discriminação; que entende, finalmente, que a **cidadania** é o fundamento da democracia na medida em que esta se avalia por sua capacidade de garantir e de expandir a cidadania em suas esferas civil, social, política e econômica.

O novo modelo de desenvolvimento e de democracia se apóia em cinco valores fundamentais: a ética, a solidariedade, a justiça social, a igualdade entre os sexos, e a transparência.

Com base nestes conceitos, devem ser assumidos os seguintes compromissos:

- ✓ Entender o **desenvolvimento sob o ângulo de um crescimento humano** o que implica colocar as pessoas como o centro desse processo, e por essa razão, engajar-se na luta pela erradicação da miséria, da pobreza e da discriminação, e por isso, lutar contra a desigualdade e a exclusão, que as explicam em grande parte, assim como na afirmação inequívoca dos direitos humanos. O desenvolvimento que deve ser sustentável – ecológica, econômica, social e culturalmente - , constitui um imperativo ético e deve buscar a equidade, entendida como a possibilidade de que o conjunto da sociedade usufrua de seus benefícios. Obviamente, o desenvolvimento pressupõe mudança e uma capacidade permanente de observação e de análise da dinâmica social;
- ✓ Defender e apoiar o pluralismo, a autonomia e a participação como condições indispensáveis para garantir a soberania popular, assegurando a defesa e a promoção da justiça e da paz;

- ✓ Garantir que a cooperação se reja pelos princípios de soberania, independência e reciprocidade, impulsionando relacionamentos de solidariedade Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul;
- ✓ Dar prioridade à participação democrática do povo no cenário público, na luta contra os grupos de pressão e o desenvolvimento, e o fortalecimento dos fatores democráticos das sociedades civis locais, como parte do processo de construção da cidadania.

Em consequência do que foi dito logo acima, na América Latina e no Caribe temos que responder, ao menos, a seis grandes desafios:

- ✓ *Afirmar a igualdade da pessoa*, o que implica lutar contra todas e quaisquer formas de discriminação e de exclusão, sejam estas do caráter que forem: políticas, de sexo, raça, religião, opção sexual, idade...;
- ✓ *Democratizar a democracia*, estimulando a incorporação de todos, especialmente dos novos atores sociais, e apoiando a redefinição do que são as pessoas de idade, como caminho para chegar a um Estado que incorpore plenamente a totalidade da sociedade em suas decisões.

É preciso aprofundar a relação entre globalização, soberania e cidadania no contexto da disputa sobre o sentido do surgimento de cidadanias e sociedades civis globais;

- ✓ *Socializar a política* para chegar a obter uma região constituída de cidadãs e de cidadãos capazes de ter representações políticas legítimas, e de plena participação no domínio público, acabando com sua privatização;
- ✓ *Politizar o social* como forma de tornar manifesto o caráter e a origem da pobreza, e enervar o controle dos bens públicos.

Tudo isto implica em passar do combate à pobreza à recuperação do tema do desenvolvimento integral, evitando de permanecer “ludibriados” pelos discursos anti-pobreza. Não é a pobreza que deve ser combatida, mas, sim, as causas geradoras do pauperismo. Já no final da década passada, ficou evidente que a pobreza em nossos países é um estado permanente e não temporário, que as políticas econômicas vigentes não geram pobreza conjuntural, mas que reproduzem e amplificam a existente, motivo pelo qual são exigidas transferências constantes de recursos para os mais pobres; em outras palavras, voltou-se a ver a pobreza como um problema político mais do que um desafio técnico para o desenvolvimento humano e a qualidade de vida para todas as pessoas. Como resultado da exclusão social, acabamos tendo a desigualdade estrutural e o subdesenvolvimento.

Implica também em lutar pelo cancelamento da dívida externa, que é parte da nova arquitetura financeira internacional e do ordenamento do comércio mundial.

Finalmente, implica em defender o multilateralismo (acordos econômicos ou políticos de vários países) como fundamento de uma nova ordem internacional, o que pressupõe o reconhecimento da importância dos tratados e das organizações multilaterais como contexto desejável para os acordos sobre o desenvolvimento nas suas diversas dimensões. Fatos delituosos como as diversas invasões dos Estados Unidos na América Latina evidenciam a importância do tema.

Nesta lógica, trata-se de pressionar conjuntamente pela reforma das instituições de *Bretton Woods*⁷ sob o sistema das Nações Unidas, a partir do princípio de um membro, um voto,

⁷ Bretton Woods (*acordos de*), acordos concluídos por 44 países em *Bretton Woods, New Hampshire, USA*, em julho de 1944, que instauraram um sistema monetário internacional, baseado na hegemonia do dólar.

buscando garantir tanto o reconhecimento das assimetrias nos processos de desenvolvimento e o estabelecimento de medidas que as equilibrassem especialmente no comércio e no sistema financeiro internacional, como compromissos concretos sobre os investimentos financeiros rentabilizados e os valores de ajuda ao desenvolvimento, terminando-se assim com as formas de ajudas “emperradas” e condicionadas.

É importante apontar o papel que a União Européia poderia desempenhar para contrabalançar a decisiva influência exercida pelos Estados Unidos na América Latina. Isto não apenas em termos de integração econômica e enfoques sobre temas de segurança e de narcotráfico, mas também enquanto à formulação de modelos sociais que inspirem para a cooperação internacional. Com relação aos Estados Unidos, a Europa evidencia um desenvolvimento que conseguiu articular uma economia de mercado com mecanismos mais consolidados de equidade e de respeito dos direitos de cidadania e de trabalho.

- ✓ *Distribuir o que temos e crescer distribuindo* como forma de enfrentar a imparciabilidade e a desigualdade que hoje em dia nos caracterizam.

Os direitos econômicos, sociais e culturais devem ser vistos como ampliação dos direitos humanos.

- ✓ *Consolidar a integração da cidadania regional* em função da geração de solidariedade, o que pressupõe subordinar o mercado em função da geração e do exercício de direitos.

Os processos de integração regional não podem ser limitados aos mercados e às empresas como estratégia de integração de sociedades plurais, da construção de identidades partilhadas e de perspectivas de futuro minimamente partilhados.

Para concluir, algumas palavras finais de esperança...

Apesar da assertiva de *Eduardo Galeano*⁸: “*Ante a situação da América Latina, ou você se indigna, ou você é ‘indigno’, pois, como não se indignar ante um sistema em que se nega aos próprios filhos o trabalho, a liberdade, a realização plena...?*”

Apesar de permanecermos presos a um sistema de poder que nos empresta com uma mão o que nos roubou com a outra.

Apesar de nós, os latino-americanos, “*não termos podido corrigir nossa mania de andar sonhando acordados, de nos melindrarmos com tudo, e de certa tendência inexplicável de prosperarmos de novo*” (Gabriel García Márquez).

Na América Latina, a proposta educativa de *Paulo Freire* coincidiu com variadas correntes da Teologia da Libertação e algumas importantes dinâmicas de movimentos sociais que alentaram a autogestão dos marginalizados e a promoção de projetos comunitários para surgirem melhores condições de vida. As prioridades se orientaram para a educação popular, o desenvolvimento das capacidades de organização e mobilização, e alguns projetos produtivos na lógica incipiente da economia popular.

⁸ *Eduardo Galeano*, escritor uruguaio, autor de *As veias abertas da América Latina*, denúncia da opressão e das ditaduras na América Latina..

“Sobre a urdidura da realidade, por detestável que seja, novos fios estão surgindo, e esses fios fazem uma trama de muitos matizes de cores. Os movimentos sociais alternativos não somente se expressam através dos partidos e dos sindicatos: também assim, mas não somente assim. O processo não tem nada de espetacular, e se dá sobretudo no nível local, mas por toda parte; na América Latina e no Caribe estão surgindo mil e uma formas novas. Brotam de baixo para cima, e de dentro para fora. Sem muitas manifestações, sem barulho, elas visam a mais uma vez refundar a democracia, revigorada pela participação popular, e estão recuperando as castigadas tradições de tolerância, ajuda mútua e comunhão com a natureza. Um dos seus porta-vozes, *Manfred Max-Neef*, as define como uma nuvem de mosquitos, que se lançam contra o sistema que nega o abraço e obriga à cotovelada. Ele diz: “*Mais poderosa do que o rinocerante é a nuvem de mosquitos, que crescem e crescem, que zumbem e zumbem*”.

“Na América Latina, são uma perigosa espécie em expansão: as organizações dos sem-terra e dos sem-teto; os sem trabalho, todos os “sem”; os grupos que trabalham pelos direitos humanos; os lenços brancos das mães e as avós inimigas da impunidade do poder; os movimentos que agrupam os vizinhos nos bairros; as frentes de cidadãos que lutam por preços justos e produtos saudáveis; os que lutam contra a discriminação racial e a sexual, contra o machismo e a exploração sexual das crianças; os ecologistas; os pacifistas; os promotores da saúde e os educadores populares; os que desencadeiam a criação coletiva e os que resgatam a memória coletiva; as cooperativas que praticam a agricultura orgânica; as rádios e as televisões comunitárias; e muitas outras vozes da participação popular, que não são rodas auxiliares dos partidos, nem capelas submetidas a nenhum Vaticano. Com frequência, essas energias da sociedade civil sofrem o acossamento do poder, que às vezes as combate à bala. Alguns militantes caem, crivados de balas, no caminho. Que os deuses ou os diabos os tenham na sua glória; são as árvores que dão frutos, as que sofrem as pedradas” ((García Márquez).

A América Latina tem uma rica história de buscas criativas, de organizações sociais inovadoras, de espaços de aprendizagem, reflexão e intercâmbio de experiências participativas entre grupos da sociedade civil, que lhe permitiram em dadas ocasiões – e apesar do poder do domínio e do controle dos poderosos – concretizar sonhos e esperanças para uma vida digna, solidária e respeitosa das diversidades das pessoas.

Toda essa bagagem de sabedoria e de conhecimentos constituem, juntamente com sua rica e variada cultura ancestral, um espaço propício para reeditar e criar formas de organização e de mobilização social que dêem lugar ao amor, à ternura e à compreensão entre os povos, para uma vida digna, sem exclusões de qualquer tipo que seja.

2

URGÊNCIAS EDUCATIVAS NA REFLEXÃO LASSALISTA LATINO-AMERICANA

“Nosso Instituto nasceu nos confins de uma desumanização: um mundo juvenil afastado da salvação, impossibilitado de alcançar nem a realização humana, nem a cristã. Ser fiéis ao nosso carisma, para nós hoje significa responder com criatividade às novas formas de desumanização, às novas pobreza, aos apelos que nos faz o mundo dos excluídos”.

*Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría
O compromisso educativo internacional dos Lassalistas*

“Uma das coisas que mais me encanta em nosso santo Fundador é ver o quanto ele se deixou impressionar pela realidade que lhe coube vivenciar. À luz dessa realidade, e iluminado pela Palavra de Deus, intuiu o plano de Deus sobre si próprio, e sobre o nosso Instituto” (Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, México, maio de 2003).

Seguindo o exemplo do santo Fundador, a reflexão lassalista latino-americana abre com a necessária ressignificação da presença e da participação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs no desenvolvimento histórico e na superação das situações da injustiça e do pauperismo desumano que afeta a maioria das populações latino-americanas. E, especialmente, porque afetam com uma incidência grave as crianças e os jovens, e, por conseguinte, a estabilidade do possível futuro da América Latina e do Caribe.

Atentos às necessidades da América Latina e do Caribe, e impressionados por essa realidade, nós, os lassalistas, queremos dar respostas criativas e corajosas, partindo do nosso carisma, às necessidades dos empobrecidos e dos excluídos do continente, e àquilo que denominamos de Urgências Educativas Lassalistas na América Latina e no Caribe.

As urgências educativas que definimos são as seguintes:

1. A democratização do conhecimento;
2. O acesso às novas tecnologias de informação e comunicação;
3. Uma educação de qualidade;
4. Uma educação na, e a partir da promoção do desenvolvimento humano sustentável;
5. Uma educação no, e a partir do respeito dos direitos humanos.

Segue uma breve descrição de cada uma das urgências educativas e das respostas a elas, na reflexão lassalista do continente, expressadas na consulta à maioria das comunidades latino-americanas ⁹ e na reflexão da Equipe Regional da Missão Educativa.

2.1 Democratização do Conhecimento

Na América Latina milhões de pessoas não podem fruir as vantagens do acesso ao conhecimento. Estão excluídas das oportunidades para crescerem integralmente e se desenvolverem intelectualmente. Estão excluídas do espaço de salvação que a escola lassalista pode significar para elas. Daí a urgência para a democratização do conhecimento.

Numa conceituação mais estrita e bastante difundida, entender-se-ia por democratização do conhecimento simplesmente a transferência ou a disseminação do conhecimento científico ao público leigo. Este não é o conceito que nós, os lassalistas, adotamos, visto que pensamos que democratização não é simplesmente a ampliação ao acesso, ou o número de receptores de uma dada mensagem, nem tampouco consideramos o conhecimento científico como a única forma de conhecimento sobre a natureza e a sociedade.

Houve avanços significativos no ensino primário, chegando a atingir uma porcentagem próxima do máximo nas áreas urbanas, mas continua havendo um enorme déficit nos níveis seguintes de escolaridade. De resto, temos que questionar a qualidade dos serviços. No continente, os problemas de cobertura e de qualidade são constantemente motivos de discussão: expansão de serviços para a maioria com baixa qualidade; de alta qualidade somente para minorias privilegiadas. Não se encontrou ainda uma marca de equilíbrio. Por outro lado, em nossos países coexistem enclaves de escandalosa riqueza e áreas de oprimente pobreza.

Este é o motivo por que os índices de Desenvolvimento Humano têm que ser lidos no contexto e à luz dos grupos humanos que o mercado foi deslocando do centro e cominando para as periferias, ou abismado na exclusão. A democratização do continente tão somente será possível através da democratização do conhecimento, e esta tem como base a educação de qualidade para os pobres, de maneira não excludente, mas que permita sua integração em igualdade de condições com toda a sociedade.

Todavia, o acesso à escola não se resolve somente com políticas educativas de focalização, isto é, de só atender os mais pobres, ou somente as mulheres. Este problema só se resolve com intervenções diretas e integrais sobre as condições estruturais que geram e reproduzem a pobreza.

Está provado que a pobreza é o motivo mais comumente invocado para não enviar os filhos ou as filhas para a escola. E também está provado que a isenção direta ou indireta dos custos da escolaridade, faz disparar as matrículas.

Mas, uma coisa é as crianças ingressarem na escola, e outra que elas ali permaneçam e aprendam a viver melhor. Para romper esse círculo vicioso da pobreza, é necessária não apenas uma “educação melhorada”, mas a melhor educação. E não apenas a democratização das aprendizagens, mas reformas de envergadura; não apenas portas abertas para entrar na escola, mas na sociedade.

⁹ Consulta realizada por ocasião do lançamento do PRRLA.

A educação sozinha não muda a sociedade; mas, se a educação não mudar, a sociedade não mudará.

Na América Latina e no Caribe, o conceito de equidade, de acordo com o Banco Mundial, substituiu agora o que antes era a igualdade de oportunidades e de direitos. Nós, lassalistas, afirmamos que a equidade, do ponto de vista do direito e da oportunidade para a educação, deve englobar, no mínimo, o que segue:

- a) **Exeqüibilidade** (orçamento suficiente, escolas e professores necessários, infra-estrutura e equipamentos pertinentes...);
- b) **Acessibilidade** (gratuidade, possibilidade econômica, acessibilidade geográfica...);
- c) **Adaptabilidade** (pertinência curricular, oferta educativa de acordo com os contextos e as populações específicas...);
- d) **Aceitabilidade** (qualidade da educação de acordo com as necessidades, interesse e expectativas das diversas comunidades, povoações, grupos...).

Nós, os Lassalistas do Continente temos tomado conhecimento que o Banco Mundial, nestes últimos anos, se converteu no Banco da Educação, substituindo a UNESCO (*United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*) e a outros organismos educacionais mundiais. Alarma-nos a função que o Banco Mundial vem exercendo na orientação das reformas e das políticas educativas. Sua visão nitidamente tecnocrática limitou a possibilidade de repensarmos sistematicamente nossos métodos educativos e melhorar sua qualidade. Acreditamos que o Banco Mundial se deveria limitar a apoiar economicamente e a sugerir recomendações, sem impô-las como condições para ativar seus empréstimos...e que cabe aos governos exercer sua soberania e buscar em sua própria população os melhores encaminhamentos para a recuperação e a renovação dos métodos e sistemas educativos.

A Educação Lassalista deve procurar democratizar o conhecimento e a ciência: mediante ao menos três grandes metas:

- a) A ampliação do conjunto de pessoas que se beneficiem diretamente dos avanços das pesquisas científicas e tecnológicas, o que deve ajudar a amenizar os problemas da população afetada pela pobreza;
- b) A expansão do acesso à ciência, entendida como um componente central da cultura;
- c) O controle social da ciência e da tecnologia e sua orientação a partir de opções éticas e políticas coletivas e explícitas. Tudo isto enfatiza a importância da educação e a popularização da ciência e da tecnologia para o conjunto da sociedade.

Há um consenso generalizado de que o conhecimento constitui o fator mais importante do desenvolvimento sócio-econômico, ou seja, da melhora do nível de vida da população e do senso de preservação do meio ambiente, uma determinante para o bem-estar das gerações futuras.

Da mesma maneira, é reconhecido que os conhecimentos por si mesmos não são suficientes para transformar as economias ou a sociedade, mas que podem realizar isto no marco de sistemas sociais/nacionais de ciência, tecnologia e inovação, que possibilitem sua incorporação no setor da produção de bens e de serviços.

Para os Lassalistas latino-americanos, a democratização do conhecimento implica, dentre outras coisas:

- Implementar planos inovadores na linha do acesso à educação;
- Fundar novas obras destinadas a atender a população com menos acesso à educação;
- Favorecer o desenvolvimento de espaços e de programas educativos formais e não formais, para que as comunidades excluídas melhorem suas condições de vida, e sejam sujeitos de seu próprio destino;
- Pressionar os organismos nacionais e internacionais que formulem e executem políticas educativas para atingir a democratização do conhecimento;
- Conhecer e definir as necessidades das pessoas a atender: Crianças, adolescentes, jovens, analfabetos, marginalizados, indígenas, mulheres, adultos aposentados, deficientes...
- Proporcionar o conhecimento do fundamento teórico do que a democratização do conhecimento exige.

2.2. O Acesso às Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação

Da galáxia de Gutenberg à galáxia digital ¹⁰

A galáxia de Gutenberg, isto é, o mundo da letra impressa, abalou o monopólio da informação dominado pelos membros do corpo social da Igreja e pelos nobres, democratizou o saber, multiplicou os livros e as bibliotecas, barateou os custos dos meios de aquisição do conhecimento, preparou o caminho para o desafio da tradição com seu convite com o conceito “aventure-se a pensar”, e possibilitou o aparecimento de outras ordens e subordinações. Em nossos dias, a revolução da informática põe a informação ainda mais ao alcance de todos e, segundo alguns, ameaça fazer desaparecer todas as hierarquias. No dizer de *Luís Cebrián*, a realidade virtual é aquela que se encontra fora da nossa realidade corrente: *“Não é que não exista, e, se existe, não é somente porque nós a imaginamos, mas porque ela se integra ao mesmo tempo no mundo da imaginação e no mundo real, eliminando as distâncias físicas e mesmo temporais entre eles, visto que transporta a informação com a velocidade da luz”*.

Nós lassalistas do continente, temos a consciência de que estamos assistindo ao surgimento da “sociedade da informação”, que pressupõe uma verdadeira transformação nas formas de desenvolvimento e nos paradigmas que dão sentido a nossa sociedade.

As novas tecnologias vão-se tornando uma única realidade, mercê do desenvolvimento dos assim denominados “highways” da informação, que permitem a conexão integrada dos computadores, do telefone e da televisão.

Nessa revolução, a tecnologia desempenhou um papel central. O desenvolvimento e a inovação tecnológica são os principais objetivos do sistema econômico capitalista. Geração, processamento e transmissão da informação se converteram nas fontes fundamentais da produtividade e do poder.

Todavia, essa concepção da tecnologia não é a única que circula em nossa sociedade. Pelo contrário, costumamos ouvir acerca deste tema declarações fantasiosas, cujo objetivo princi-

¹⁰ Cf. *Con el Señor de la Cibercultura*

pal é camuflar a lógica econômica que move e propõe o desenvolvimento e a pesquisa tecnológica.

Um olhar retrospectivo para as “antigas” e as “novas” tecnologias da informação nos fazem cair na conta de quanto esses meios são de uso cotidiano nos mais variados setores de nossa vida (trabalho, lazeres, moradia...), chegando a influenciar decisivamente em nossa maneira de compreender a realidade.

Não há como marchar para trás. Estamos mergulhados no ciberespaço e na realidade virtual. Este termo, *ciberespaço*, cunhado por *William Gibson*, o *guru* da cibercultura, é usado para nos referirmos ao mundo paralelo, uma espécie de duplo virtual de nosso mundo “real”, onde as pessoas realizam muitas das funções que desenvolvem na vida de cada dia, desde fazer compras, até ir em busca de informação sobre quase tudo, passando pela possibilidade de estabelecer relacionamentos inter-pessoais, visitar museus ou fazer cursos, sem sair de casa.

Queiramos ou não, nosso mundo está caminhando rapidamente rumo ao domínio onde tudo é regido pela tecnologia, mesmo que nossa extrema pobreza não represente o melhor terreno para sua incorporação, uso e exploração ao máximo. A tecnologia está presente e marcando a vida humana no planeta, como nunca aconteceu antes.

Nos assentamentos mais pobres, a televisão a cabo “convive” com aparelhos musicais ou televisores de elevada qualidade (mesmo lá onde falta comida, mesmo lá onde não há banheiros e vasos sanitários, mas apenas latrinas). Em algumas comunidades indígenas já se encontram telefones celulares e antenas parabólicas. A economia urbana é totalmente dependente dos computadores. A espionagem telefônica com aparelhos sofisticados pode ser feita em casa mesmo, e crianças com medianas condições econômicas vão crescendo com seu computador em casa..

Já adentramos a Aldeia Global de *Herbert Marshal McLuhan*. Sua profecia se concretizou!

Tecnologia, a serviço de quem?

Tomando em conta o que foi dito acima, não há motivo que nos admiremos que este mundo venha a ser um mundo tecnológico ou não. Este é um fato que já se concretizou: Ele é. Mas, para quem? A política, a economia e a cultura são dependentes do nível de tecnologia, que é excludente e proveniente do poder econômico já estabelecido. Assim, ela contribui para tornar os poderosos mais poderosos, e os mais fracos os excluídos.

Em outras palavras, somente a riqueza pode produzir a tecnologia do mais alto nível. E somente aqueles que a possuem, podem enriquecer-se com ela. Resultado: Um círculo vicioso no qual, nos próximos anos, grandes massas de nossas populações, não poderão ingressar. Mas, devido ao fato de que a fruição dos bens desumaniza, e as condições de vida das maiorias têm piorado, podemos afirmar que a ética não se debilitou, ela simplesmente não existe.

Os Lassalistas estão conscientes de uma nova lacuna...a digital

Apesar do que foi dito acima, a metade dos seres humanos ainda não teve acesso ao telefone. E milhões de crianças, meninos e meninas, e pessoas jovens na América Latina não go-

zam dos benefícios da luz elétrica. Conseqüentemente, menos ainda da Internet. Esses que ainda não usufruem dessas vantagens, estão competindo em desvantagem nestes tempos da sociedade da informação. E este distanciamento, essa lacuna, não existe apenas no interior dos países, mas também entre os países ricos e os pobres. Enquanto na Suécia 65% da população se conecta cotidianamente na rede, a Internet na Colômbia atinge a apenas 4% da população.

Mesmo que estejamos assistindo a um crescimento econômico mundial e à expansão dos mercados, bem como ao desenvolvimento da tecnologia informativa, os progressos que a globalização nos oferece são ofuscados pelo fato de muitas pessoas serem excluídas desses benefícios e os valores locais perigarem desaparecer com a imposição de supostos valores universais.

“É importante estar consciente de que a disjuntiva do amanhã não será tanto entre os que têm e aqueles que não têm, mas muito mais entre os que sabem e os que não sabem” (Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, III Congresso UMAEL, México, 2003).

Os desafios humanísticos da educação em face da Tecnologia

Uma séria reflexão pedagógica sobre o contexto tecnológico deve iniciar com o reconhecimento do fato de que mesmo que a tecnologia não esteja a serviço de toda a humanidade, isto não significa que devamos rejeitá-la ou desdenhar suas grandes possibilidades.

Não devemos adotar a posição de falsos líderes religiosos ou moralistas que condenam irrefletidamente a tecnologia, a ponto de considerá-la “obra do diabo”; nem devemos adotar a posição simplista daqueles que nela vêem a maravilha capaz de tudo, suficiente para modificar totalmente nossa vida, numa palavra, um novo “deus”.

A primeira posição educativa que nós, lassalistas, temos que adotar e desenvolver quanto à tecnologia, é entendê-la, conhecê-la, servir-nos dela, aproveitá-la ao máximo, tudo isto partindo de critérios éticos e de justiça.

Isto tem como conseqüências:

- ✓ Estabelecer estratégias para a aquisição de novas tecnologias;
- ✓ Usar as novas tecnologias de maneira racional, respeitosa, crítica e humanizante, substituindo as técnicas que conduzem ao consumismo por aquelas que cultivam valores e humanizam;
- ✓ Capacitar pessoal em vista da utilização das novas tecnologias;
- ✓ Estabelecer programas e projetos que ofereçam o uso das novas tecnologias, com qualidade, ao serviço dos mais desprotegidos.

Neste sentido, bem convém recordar o que *Hugo Assmann* propõe: “As características promissoras da era das Redes e das Novas Tecnologias da Informação são a conectividade e a transversalidade. O principal objetivo é usá-las em benefício de uma educação da solidariedade... É preciso esforçar-se para corrigir de maneira pedagógica o desequilíbrio dos seres humanos em relação com as oportunidades inerentes ...O atraso veio a ser, sobretudo, das mentes e dos corações... No final de contas, educar para a solidariedade nos é proposto como a mais avançada tarefa de emancipação”.¹¹

¹¹ ASSMANN, Hugo: *Placer y ternura en la Educación*. Madrid, Espanha, 2002.

Muitas perguntas continuam fluindo em torno de todas as galáxias. A mais impressionante foi formulada por *Juan Luis Cebrián*: “*Ainda é cedo para respondermos à questão fundamental, mas não o é para ousar formulá-la: Somos nós mais humanos graças à tecnologia de vanguarda?*”

2.3. Uma Educação de Qualidade

A situação da qualidade educativa na América Latina

“A maior parte da educação latino-americana é educação pobre para pobres. Se quisermos atingir um desenvolvimento humano sustentável não podemos aceitar que haja uma educação para grupos privilegiados que podem pagar centros educativos com tecnologia, e outra educação, geralmente a pública, onde a renovação e a tecnologia estão muito longe do aluno e da aluna”.¹²

A qualidade educativa teve como antecedente o paradigma de Gestão de Qualidade Total (*Japão 1950-1970*), que foi um modelo exitoso na gestão de empresas.

O UNICEF (*United Nations International Children's Emergency Fund*) assinala quatro importantes ensinamentos referentes à Qualidade da Educação:

- ✓ Acesso a uma educação de baixa qualidade é sinônimo de acesso a nenhuma educação;
- ✓ A qualidade de educação recebida por um menino ou menina é de importância decisiva para garantir uma aprendizagem genuína e um desenvolvimento humano;¹³
- ✓ A qualidade da educação é influenciada pelo que acontece dentro das salas de aula e fora das salas de aula;
- ✓ A educação para todos não pode ser atingida enquanto houver discriminação dos sexos.

Não é suficiente ter acesso à escola se ela não for de qualidade. Muitos jovens estudantes latino-americanos das áreas rurais concluem o ensino secundário, mas isto representa um êxito mais aparente do que real, pois, em termos reais, produz resultados decepcionantes. Os jovens egressos sentem-se frustrados, para não dizer ludibriados, pois não conseguem emprego e não estão preparados para a vida.

O vácuo entre aquilo que o sistema ensina e aquilo de que os alunos e as alunas realmente necessitam aprender é reconhecidamente inaceitável. A segregação, que antes ocorria na entrada para a escola, agora é vivenciada no interior do sistema escolar.

Por isso, conseguir que meninos e meninas ingressem na escola é uma coisa. Conseguir que permaneçam nela, e garantir que aprendam algo, é coisa muito diferente, e nos leva a dizer que o direito à educação não se concretiza com um processo deficiente de ensino-aprendizagem.

No rumo de um conceito de qualidade educativa

A qualidade é um conjunto de atributos, e como tal é difícil defini-la. Para alguns, é a capacidade para:

¹² Rosa Maria Torres, conferência no Equador, maio de 2002.

¹³ E acesso a uma educação sem qualidade educativa é sinônimo de acesso a educação nenhuma.

- Obedecer;
- Saber o quê fazer, e fazê-lo;
- Obter maior quantidade de conhecimentos possíveis, e em áreas variadas;
- Dominar habilidades e a destreza para pô-las em prática.

Conceitos elaborados pelo Banco Mundial insistem no emprego de conceitos que consideram a qualidade como **competitividade**. Foi por isto que, na maioria das reformas educacionais na América Latina e no Caribe, se deu precedência ao privado e empresarial sobre o público e social.

Na América Latina, as políticas públicas na educação foram elaboradas em função do Banco Mundial. De acordo com *Marco Raúl Mejía*,¹⁴ 92% do novo investimento em educação foi feito sob a supervisão e as orientações desse Banco. – Resulta disso que em boa parte da educação pós-moderna latino-americana prevalecem:

- O aspecto individual prevalece sobre o aspecto social;
- A ausência de visões utópicas prevalece sobre a esperança;
- O presente e o passado imediato prevalecem sobre o passado e o futuro remotos;
- As micro-histórias dos pequenos grupos, dos indivíduos, das subjetividades prevalecem sobre a história nacional ou a história mundial.

Temos que mencionar, porém, que o pós-modernismo, direta ou indiretamente nos ajudou para uma compreensão melhor do mundo, da vida, da história. Uma compreensão menos dogmática e mais cartográfica, com menos certezas e com mais interrogações, que nos permitiram despir alguns santos e pôr os dedos em algumas feridas... que nos tornou mais ousados e menos irreverentes ante o “saber oficial”...

Na América Latina e no Caribe, o decálogo neoliberal da educação, centrado no ajuste fiscal, foi elaborado pelo Banco Mundial. E a educação veio a ser, em vez de um investimento, uma despesa; e sua racionalização devia fazer-se na base de critérios de eficácia e eficiência produtivista.

O conhecimento foi reduzido a tipos padrões e competências, e as reformas foram baseadas em alguns critérios de rentabilidade com políticas de financiamento de acordo com o número de alunos, onde a procura do menor custo financeiro tomou o lugar do projeto pedagógico.

O Banco Mundial elaborou e divulgou suas “lições aprendidas” no decorrer da década de 1990. Essas lições revelaram o Banco como um aluno lento para aprender, que assimila com atraso o que já forma parte da produção teórica e da dolorosa experiência prática – amiúde com a ajuda do próprio Banco Mundial e de outros organismos internacionais – dos países latino-americanos desde há muitos anos.

As oito “lições aprendidas”¹⁵ em termos de Educação para Todos são:

1. A chave do êxito é uma vigorosa vontade política;
2. A qualidade é tão importante quanto a quantidade;

¹⁴ Conferência proferida em Santa Fe de Bogotá, Colômbia, em julho de 2003.

¹⁵ Banco Mundial, *Education for All: From Jomtien to Dakar and Beyond*. Documento preparado pelo Banco Mundial para o Fórum Mundial de Educação, em Dakar, Senegal (26 a 28 de abril de 2000), Washington, DC, 2000.

3. Os governos sozinhos não podem garantir a Educação para *Todos*: as alianças são essenciais;
4. Os países avançam melhor depois de desenvolverem uma estratégia política;
5. O uso insuficiente de recursos limita o progresso;
6. A Educação deve adaptar-se rapidamente aos novos desafios econômicos, tecnológicos e sociais;
7. A Educação deve ser beneficiada com garantias financeiras durante as crises;
8. A expansão da educação deve apoiar-se numa economia em crescimento.

O que ficou muito claro é que a qualidade é algo complexo e tem que ver com muitos fatores, como sejam:

- A Qualificação e formação dos professores
- A programação do ensino
- Os recursos para a educação
- A função diretiva, administrativa
- A Inovação
- A pesquisa em Educação
- A orientação educacional
- A avaliação
- O grau do conhecimento adquirido
- O êxito e a promoção
- O clima dos relacionamentos
- A reflexão crítica das práticas
- A reflexão epistemológica dos conteúdos...

A estes fatores clássicos em torno da qualidade, nós, lassalistas, acreditamos que devam ser acrescentados os seguintes:

- A capacidade de aprender a aprender
- O aprender a ultrapassar as linhas divisórias do mundo pré-configurado para criar significados novos, ou seja, para “desaprender” coisas sabidas, para voltar a conhecê-las de maneira diferente” (*E. Morin*).
- A auto-organização desde o multidimensional que nos leve a:
 - Educar na e a partir da incerteza
 - Educar no e a partir a fruição da vida
 - Educar no e a partir do significado
 - Educar na a partir da expressão
 - Educar na e a partir da partilha do tempo com outros
 - Educar na e a partir da adaptação da história e da cultura.
- A educação em e a partir dos valores, o que exige uma comunidade cristã referencial e uma tomada de consciência de que “*vale a pena viver, ser pessoa, abrir-se aos outros e ao Outro*”, conforme expressou *José Maria Mardones*.
- A paixão dos educadores pela educação.

A educação de qualidade lassalista deve deixar de lado os currículos e os textos atuais que não forem feitos em função do crescimento do educando, do “aprendiz” que participa no processo, porque esse tipo de enfoque não tem em conta a centralidade dos educandos no processo educativo.

2.4. Uma educação na e a partir da promoção do desenvolvimento humano sustentável

América Latina, paisagens típicas

“Os Estados deixam de ser empresários e se dedicam a ser polícias. Os presidentes se convertem em gerentes de empresas estrangeiras. Os ministros de Economia são bons tradutores. Os industrialistas se convertem em importadores. As maiorias dependem cada vez mais das sobras das minorias. O trabalhadores perdem seu trabalho. Os lavradores perdem suas terras. As crianças perdem sua infância. Os jovens perdem sua gana de crescer. Os anciãos perdem sua aposentadoria. ‘A vida é uma loteria’, opinam aqueles que ganham” (Eduardo Galeano)

Temos comprovado que, em geral, na América Latina e no Caribe, não é assegurado o direito fundamental de viver melhor. As condições para o desenvolvimento numa escala humana não existem. Os sucessivos governos se esforçam para pagar as imensas dívidas externas de seus países e se esquecem da dívida social, de investir na solução das prementes necessidades dos empobrecidos de seus países.

É intolerável e inaceitável que o crescimento da América Latina se faça às custas do incremento da pobreza! E que as pessoas mais ricas não contribuam para o crescimento e o desenvolvimento de seus países. É uma aberração e uma patologia haver sistemas tributários – como muitas nações latino-americanas têm – onde os 20% das famílias mais pobres têm uma carga tributária relativa que equivale quase ao dobro daquela que recai nos 20% das famílias mais ricas.¹⁶ São estas “as que têm que assumir maiores compromissos com os setores menos privilegiados, mediante pagamento de mais impostos”, afirma *José Antonio Ocampo*, Secretário Geral da ONU.

Por outro lado, o **desenvolvimento humano** é um processo de ampliação de opções das pessoas que inclui: participação, viver uma vida longa e saudável, segurança, liberdade, recursos para uma elevada qualidade de vida e a aquisição de conhecimentos e destrezas.

A locução **desenvolvimento sustentável** foi usada uma primeira vez pela *World Conservation Union* (União da Conservação Mundial) numa publicação preparada depois da Conferência de 1972. Mas ela adquiriu força em 1987, quando a Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) da ONU, no denominado Relatório *Brundtland*¹⁷ propôs o desenvolvimento sustentável como um método para corrigir os efeitos da crise ecológica global e o definiu como “*aquele método de desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a habilidade das futuras gerações para satisfazer suas próprias necessidades*”. Esse Relatório é explícito em atribuir importância particular às necessidades dos empobrecidos do mundo. Por isso é que *Redcliff* disse: “*A menos que os pobres sejam incluídos na satisfação de suas próprias aspirações, o desenvolvimento nunca poderá ser apropriadamente sustentável*”

O desenvolvimento sustentável dever ser:

- Economicamente exequível
- Socialmente justo
- Culturalmente pertinente
- Ecologicamente sustentável

¹⁶ Na opinião de *Francisco Rato*, Diretor Gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), ‘um dos obstáculos mais importantes de um Sistema Tributário *muito iníquo* são países, nos quais aqueles que menos têm pagam relativamente mais ao Estado do que os ricos, o que **perpetua a extrema desigualdade da região**’.

¹⁷ *Gro Harlem Brundtland* foi a presidenta da Comissão.

- Metodologicamente inclusivo e participativo.

O desenvolvimento sustentável está no centro da transformação e está redefinindo as fronteiras entre o possível e o desejável. Os Centros Educacionais devem interrogar-se – no início deste milênio - sobre como mudar o rumo da educação para responder aos desafios do desenvolvimento sustentável. Acaso, será que o desenvolvimento sustentável ambiental, social, econômico, político e cultural não é o eixo e o objetivo para difundir o caráter e a missão das reformas da educação?

Educar no e a partir do desenvolvimento sustentável, coloca a educação ao serviço das pessoas e da sociedade, e a situa como defensora dos empobrecidos e como voz de alerta para a consciência social.

A dimensão ética do Evangelho presente nos ideários lassalistas, deve traduzir-se num compromisso em favor da vida em todas as suas manifestações.

Por isso, a **educação lassalista** tem a magnitude de um projeto social, pois procura reverter a injustiça social, oportunizando a superação pessoal àqueles que não podem freqüentar a escola, e aqueles que trabalham para poder freqüentá-la. Propõe o desenvolvimento das capacidades necessárias para chegar ao desenvolvimento.

Neste campo nós, os lassalistas do continente, concretamente somos convocados para:

- Superar a exclusão e a pobreza das maiorias populares e comprometer-nos com a mudança rumo a uma sociedade mais inclusiva;
- Revisar nosso estilo de vida comunitária e profissional, nossa gestão da economia e as opções reais do discurso que mantemos. É um imperativo que La Salle da América Latina e do Caribe possa ser signo de uma verdadeira economia de comunhão a serviço direto de pobres;
- Apoiar a refundação da escola lassalista mediante projetos proféticos, transformadores e inovadores;
- Organizar um voluntariado solidário;
- Criar consciência dos efeitos provocados pela globalização através de processos e projetos que tenham como eixo o desenvolvimento humanizador para uma sociedade sustentável, e que permitam enfrentar os efeitos negativos da globalização e gerar alternativas para responder à globalização.
- Formar no e para um desenvolvimento sustentável;
- Contribuir para a formulação de uma estratégia de democracia e de desenvolvimento sustentável que reconheça e aproveite as concepções indígenas do continente:

“Se quisermos tornar-nos ricos e acumular... será inútil pedir conselhos aos indígenas...mas se quisermos ser felizes, unir o ser humano com o divino, integrar pessoa com natureza, compatibilizar o trabalho com o descanso, harmonizar os relacionamentos intergeracionais... então dialoguemos com eles” (Leonardo Boff).

2.5 Uma educação no e a partir do respeito aos direitos humanos

“Uma das situações mais trágicas pelas quais a humanidade, em seu conjunto deve sentir tanta dor quanta vergonha, é que temos construído um mundo no qual a maioria dos pobres

são crianças, meninos e meninas. E o que ainda é mais grave, em que a maioria dessas crianças são pobres” (Manfred Max Neef).

A pobreza na América Latina e no Caribe, com muita frequência apresenta rostos de crianças: meninos e meninas de rua, trabalho infantil, meninos e meninas soldados ou vítimas de guerra, desalojadas, seqüestradas, sexualmente abusadas, desnutridas...

Como já pudemos ver no primeiro capítulo deste Caderno, na América Latina, os direitos humanos das populações continuam a ser violados, especialmente os direitos das crianças, dos jovens, das mulheres, das pessoas com deficiências, e também os direitos dos povos indígenas.

Em quase todos os países latino-americanos, subscritores da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU, esses direitos, por mais que constem na letra da Declaração e dos compromissos assumidos, e das leis, continuam a ser desrespeitados. São realidades: torturas impostas a presos, censura da imprensa, invasões da privacidade das pessoas, discriminação racial e social, problemas de segurança, violências... tudo isto acontecendo em escala maior ou menor na vida do dia-a-dia. Essas situações não garantem o direito de levar uma vida melhor, e mesmo descartam de todo o direito de sonhar com uma sociedade melhor. E como diz *Eduardo Galeano*: “O direito de sonhar não figura nos trinta direitos humanos que as Nações Unidas proclamaram em 1948. Mas, sem este direito e as águas que dá para beber, os demais direitos haveriam de morrer de sede”.

A educação latino-americana, com frequência não respeita os direitos humanos

“Violência, insultos, ameaças, pancadas na cabeça, bofetadas, palmadas, surras, celas escuras, duchas de água gelada, jejum imposto, comida restrita, proibição para sair, proibição de dizer o que pensa, proibição de expressar o que sente, humilhação em público...são alguns dos métodos de penalidades tradicionais impostas para correção, de castigo na vida da família e da escola. Para punição da desobediência e de advertência contra o mau uso da liberdade, a tradição familiar e a escolar perpetuam uma cultura de terror que humilha a mulher, ensina os filhos e os alunos a mentir, e contagia a peste do medo. Os direitos humanos deveriam iniciar pelos lares e pela escola”.¹⁸

Na América Latina e no Caribe se costuma dizer que nas escolas, a pedagogia se distingue entre o método *Piaget* e o método *Pinochet*. Isto significa que os métodos de ensino nem sempre são verdadeiramente pedagógicos.

Com muita frequência o método de ensino é repressivo, inibe potencialidades, reprime a criatividade, faz o educando temeroso em face da realidade da vida. Isto ocorre numa sociedade que tenciona, pelo menos teoricamente, garantir os direitos humanos. Em princípio, eles devem ser impostos pela força da lei. Mas isto não basta, como a experiência está provando.

Educar no e a partir do respeito aos direitos humanos faz com que a educação se concentre nos problemas fundamentais das pessoas e da sociedade. E que nós, os educadores, deixemos “a neutralidade política que nos converte em instrumentos facilmente manejados pelos detentores

¹⁸ Adaptação, de Eduardo Galeano.

do poder político. A preservação do *status*, a transmissão dos valores burgueses é levado a bom termo mercê da atitude acrítica e conformista de muitos educadores”.¹⁹

A escola lassalista promove o conhecimento e o respeito dos direitos humanos, porque o aspecto objetivo de uma legislação que os garante, deve ser complementado com uma educação nos e a partir dos direitos humanos, de maneira a convertê-los num consenso cultural enraizado no sentir, no pensar e no atuar das pessoas.²⁰

Alguns desafios pedagógicos para educar nos e a partir dos direitos humanos

- Falar de direitos humanos e de direitos dos povos vem a ser um pressuposto básico de uma educação que vise a modificar os relacionamentos entre as pessoas e os grupos, dentro de uma ética de tolerância e de respeito ao diferente;
- Os direitos grupais, étnicos e coletivos devem estar em harmonia com os direitos individuais, de tal maneira que a defesa destes represente uma consolidação daqueles;
- Direitos não podem ser confundidos com privilégios: “Acaso seríamos capazes de admitir que os sereneiros têm o direito de molestar, de madrugada, o sono de todos os moradores de uma rua; ou que o fazendeiro tem o direito de ampliar suas terras adentrando uma reserva indígena; ou que uma nação tenha o direito de impor seu modelo econômico a todo um continente?”

Neste domínio, os lassalistas latino-americanos são chamados a:

- Originar processos que permitam conscientizar sobre situações das vítimas da injustiça, da violência, do abuso sexual e da exploração, especialmente das crianças e dos jovens;
- Incentivar processos e projetos que tenham como objetivo a defesa dos direitos das crianças e dos jovens;
- Incrementar planos de formação, em todos os níveis;
- Desenvolver atividades e programas de denúncia e de participação na defesa contra injustiças;
- Revisar nossas práticas, ideários, regulamentos, formas de organização, manuais de convivência... à luz dos direitos humanos;
- Educar pessoas e grupos numa atitude que os faça sentir, pensar e atuar de acordo com o pleno respeito aos direitos humanos e aos direitos dos povos.

Finalmente, educar nos e a partir dos direitos humanos, faz com que tomemos partido em face da realidade social, exige que não fiquemos indiferentes ante a justiça atropelada, a liberdade conculcada, os direitos humanos violados, o trabalhador explorado. Faz que tomemos partido em prol da justiça, da liberdade, da democracia, da ética, do bem comum.

¹⁹ Francisco Gutiérrez, Conferência: “*La Educación como praxis política*” - Guatemala, 2000.

²⁰ Cf. Frei Betto, ALAI, 2002.

3

**- PERLA-
O PROJETO EDUCATIVO REGIONAL
LASSALISTA LATINO-AMERICANO**

*“Em face da situação de desesperança
vivenciada pelas crianças e os jovens em nosso continente,
sonhamos com vir a ser uma Região da Esperança.
Apaixonados pelo projeto do Reino do Pai,
seduzidos por Jesus Cristo e impelidos pelo Espírito Santo,
comprometemo-nos a construir uma RELAL
ao serviço educativo de pobres, para que
Leigos e Irmãos, juntos e por associação,
respondamos às urgências educativas do século XXI,
através da construção e da implementação de um
Projeto Educativo Regional Lassalista Latino-americano*

P E R L A

*que unifique os critérios para as atividades das
variadas comunidades educativas da
América Latina e do Caribe”*

Oswaldo Guayasamín

3.1. Antecedentes do PERLA

A oitava Assembléia da RELAL...²¹

O 43º Capítulo Geral reiterou sem ambigüidades e com radicalidade a opção preferencial pelos pobres. Ficou manifesto que o trabalho educativo com pobres, tem hoje características particulares que o diferenciam daquilo que se fazia no passado. A economia globalizada e o modelo neoliberal originaram uma nova categoria de pobres: os excluídos. É por isso que esse Capítulo Geral nos pediu que reagamos a essa situação, para que as possibilidades se abram para todos no mundo inteiro, e que os excluídos sejam integrados na marcha da história.

A oitava Assembléia Geral da RELAL, realizada em fevereiro de 2001, retomou a opção preferencial do Capítulo Geral, e ousou formular uma proclamação concernente ao tipo de “**Região que desejamos**” para os próximos anos, os primeiros deste milênio.

Essa Assembléia partiu da **averiguação da profundamente sentida situação de desesperança da juventude** e do imperativo de referendar a **consagração** dos Lassalistas do Continente para, a partir dali, discernir a necessidade de trabalhar num projeto educativo comum, que caracterizasse e identificasse nosso trabalho na Região, que imprimisse unidade ao desenvolvimento de nosso ministério educativo, e nos facilitasse a interdependência.

Desde o início tivemos a clara consciência de que as opções do Instituto pela **Associação, a Interdependência, e o Serviço a pobres e a excluídos** exigiriam de nós um projeto educativo que nos permitisse orientar-nos para a mesma direção. Os esclarecimentos intelectuais e espirituais apresentados nessa Assembléia pelos Irmãos *Álvaro Rodríguez Echeverría*, Superior Geral, e *Miguel Campos*, Conselheiro Geral, nos ofereceram elementos fundamentais que se constituíram em pontos de partida para o PERLA. Por sua vez, o Irmão *Jardelino Menegat*, Regional, em sua intervenção no início da Assembléia, expôs corajosamente a necessidade de dar um passo para a frente na **interdependência**, e mencionou como um sinal dos tempos a existência na Região de algumas “obras muito significativas”, tanto pela qualidade de seu acompanhamento, como pela coragem de sua missão entre os mais pobres. Essas obras, disse, de alguma maneira, serão as primeiras chamadas a substanciar o Projeto Educativo da Região.

Início do PERLA: Projeto Educativo Regional Lassalista da América Latina

A Conferência dos Provinciais da América Latina (CLAV), com mandato da Assembléia Geral da RELAL, criou a Equipe Regional da Missão Educativa, constituída por Irmãos e leigos²² com o objetivo de animar a formulação participativa e a implementação do Projeto Educativo Regional Lassalista Latino-americano: PERLA.

Essa assembléia entendeu o PERLA como expressão do seguimento de Jesus na América Latina, e como meio principal para vivenciar a associação no Continente. Entendeu-o também

²¹ Cf. GÓMEZ, Carlos: *Reflexiones en torno al Proyecto Educativo Regional*, Bogotá, 2001

²² Foram membros da Equipe Regional da Missão Educativa: Carlos Jamade, Rodolfo Vivanco, Arcadio Bolívar Salvador Valle, Jardelino Menegat, Oscar Ibarra Russi, José Antonio Vargas, Carlos David Domínguez, Julio Cortabitarte, José David Berbesí, María Elena Promer, Sandra Eugenia Posada, Santiago Amurrio, Beatriz Gómez, Myriam Camilo, Edgar Nicodem, Antonio Boza, Juan Carlos Maldonado, Luis Enrique Ruiz, Javier Castagnola, Carlos Gómez e Oscar Azmitia.

como um projeto unificador de critérios para a ação das diferentes comunidades educativas da América Latina e do Caribe. Como um marco de referência comum para nossas Províncias e para o desenvolvimento do ministério educativo lassalista na Região. E como resposta articuladora às urgências educativas já mencionadas.

Desde o início, o PERLA foi definido como “um compromisso pessoal e comunitário assumido na fé e tornado realidade numa proposição sistemática de transformação da realidade educativa e social da América Latina e Caribe”

Para iniciar o processo foram realizadas reuniões sub-regionais (México, Bogotá e Porto Alegre) efetivando assim a primeira abordagem para a construção de um Projeto Educativo para toda a Região. A contribuição desses encontros foi o ponto de partida do processo e de um movimento latino-americano.

Um ano depois, a Equipe Regional da Missão, tomando em consideração as informações chegadas de todo o continente, ofereceu a primeira versão do PERLA e a submeteu à opinião e para contribuições dos lassalistas de toda a Região. Nessa versão, o PERLA é definido como a expressão do sonho latino-americano quanto ao ministério educativo dos lassalistas, e consiste essencialmente no seguinte:

- Convida para um processo contínuo de reflexão-ação;
- Unifica e dá sentido ao quefazer educativo;
- Articula os novos “projetos – Ilhas de Criatividade” que vão surgindo nas Províncias como respostas aos desafios da realidade;
- Dá coerência a todos os programas de formação dos Leigos e dos Irmãos;
- Confere identidade à missão no Continente;
- Propõe novas obras para o serviço educativo a pobres;
- Inspira os projetos locais de toda a obra lassalista;
- Oferece espaços de interdependência entre nossas Províncias e países, e
- Suscita os temas para pesquisas e reflexões pelas instâncias geradoras de pensamento.

Desde o início o PERLA foi um apelo para ampliar e renovar a energia participativa dos lassalistas do continente para responder à situação da América Latina e do Caribe e às suas urgências educativas.

E também, desde o início procurou reconhecer as novas circunstâncias que geram a pobreza e a própria pobreza como razões principais para buscar as respostas criativas, inovadoras e generosas que o Senhor da História espera que nós, os lassalistas, daremos em concordância com a inspiração fundacional que nos anima.

O balanço, e o caminho percorrido pelo PERLA abarcam numerosas reuniões e eventos no interior de cada uma das Províncias latino-americanas e no âmbito Regional. Um bom número de escolas, colégios e instituições de Ensino Superior, bem como obras educativas não formais de que temos encargo, tomaram o PERLA como referência, e o adotaram como próprio.

Isto permitiu observar a redefinição de atividades em alguns casos, o alargamento das margens de manobra em outros casos, e, passo a passo, o surgimento de obras educativas com

feições completamente enriquecidas ou distintas das existentes com a inclusão do espírito inspirador do projeto como esforço para percorrer o caminho que conduz aos pobres.

Fazer com que a mudança de meio social de nossas comunidades educativas seja a condição para descobrir os significados das novas pobreza de nosso tempo e que o mérito de nossas ações seja revelar algumas de suas causas mais profundas, no quadro de nossa missão educativa, em si mesmo é um processo que abrange grandes ramificações coletivas onde os Irmãos, os associados e os leigos constroem o futuro rosto do Instituto na Região latino-americana.

A estruturação do PERLA...

O PERLA foi estruturado a partir de cinco grandes critérios:

1. **Audácia**, para encontrar soluções para as urgências educativas;
2. **Atenção preferencial aos grupos mais excluídos** da Região;
3. **Profetismo** para a opção preferencial e evangélica pelos empobrecidos e para a criação de projetos transformadores;
4. **Realismo**, em sua resposta a desafios e necessidades reais da Região latino-americana;
5. **Geração de um movimento** latino-americano e do Caribe, partindo da base e do interior.

O PERLA como movimento

A participação de um grande número de lassalistas latino-americanos permitiu criar um processo participativo. Um movimento que visa a mudar a face, a configuração exterior, a aparência pela qual os lassalistas na América Latina e no Caribe queremos ser reconhecidos. Um movimento que busca recuperar e manter aceso o fogo coletivo.

Um movimento articulador de múltiplas reflexões e ações que hoje já se executam e que se deseja manter como ponto de referência para as reflexões e as ações que ainda estão pendentes.

É evidente que o PERLA é um processo e que, por isso, é suscetível de ser melhorado, atualizado e reforçado pela reflexão que nossas praticas estão continuamente suscitando.

O PERLA no Contexto da Associação...

O acontecimento fundacional que vincula o Instituto de hoje com suas origens, se deu em 6 de junho de 1694, quando João Batista de La Salle e doze dos seus companheiros, sem nenhum intento de voltar atrás, se associaram para consagrar suas vidas, à educação cristã dos meninos pobres da época.

Foi na recordação desse acontecimento fundacional, que a idéia do PERLA foi retomada no contexto de um encontro realizado em *Conocoto*, no Equador, sob o tema “Associados para o serviço educativo a pobres”. Esse encontro foi um momento muito importante de reflexão sobre o significado da associação na América Latina e Caribe. O PERLA foi ali assumido como um compromisso dos lassalistas sob a nova perspectiva da Missão mediante a associação.

Um novo impulso para o PERLA...

Na Assembléia da RELAL, realizada em *Fusagasuga*, Colômbia, em 2004, o PERLA recebeu um novo impulso. Reafirmou-se ali a idéia que o Projeto não deve ser “um documento concluído”, mas que deve ajudar a pôr-nos em marcha. Nesse evento foi deixado bem claro que não se trata apenas de ver com satisfação os êxitos do passado, mas de dirigir os olhos para o futuro, incorporando novas perspectivas, novas respostas aos desafios que as rápidas mudanças da realidade latino-americana e mundial nos vão desvendando.

Nessa assembléia foram mencionados os seguinte desafios:

- Responder às necessidades das crianças e dos jovens empobrecidos num continente estruturalmente injusto;
- Engendrar processos e espaços que tornem viável a Associação para a missão no serviço educativo a pobres;
- Construir participativamente as prospectivas pedagógico-evangelizadoras comuns da Região.

Estes desafios são urgentes. Eles nos envolvem diretamente e nos compelem para a ação, porque, como disse o Irmão *Álvaro Rodríguez Echeverría*, superior geral: *“O desafio que temos que arrostar é o de sermos misericordiosos... Trata-se de uma misericórdia solidária, que implica que nos deixemos sensibilizar pelos sofrimentos dos outros para agir contra os padecimentos que são evitáveis, e assumir a tarefa de encontrar caminhos de esperança para transformar a vida”*.²³

3.2. Os Eixos Fundamentais do PERLA

O Anúncio Explícito do Evangelho

O anúncio explícito do Evangelho tem sido uma dimensão fundamental do PERLA e seu eixo transversal, “ A essência e a razão de ser da educação cristã é o anúncio de Jesus Cristo. Desde a fundação do Instituto, o santo Fundador e os primeiros Irmãos fizeram da escola um meio para a evangelização. O ensino do catecismo, desde os inícios, tem constituído o principal ministério dos Irmãos, e hoje, em razão da evolução do Instituto o continua sendo para os lassalistas comprometidos na Missão. Na América Latina, talvez por acreditarmos ser um continente cristão, não temos colocado o tema como fundamental. Por vezes, nos contentamos com dar aulas de ética de inspiração cristã, ou utilizar a linguagem religiosa em nossas instituições, procedimento que toca mais a forma do que o fundo das coisas. Penso que seja preciso voltar a insistir na pregação do “kerigma” porque, basicamente, a Nova Evangelização não apenas anunciará Jesus Cristo e sua mensagem libertadora, mas também anunciará a Boa-Nova da Salvação. Não se trata, como João Paulo II expressa, de reevangelização, mas de uma Nova Evangelização, nova nos seus métodos, nova no seu ardor, e nova na sua expressão”.²⁴

O PERLA visa a integrar o anúncio explícito do Evangelho em todas as suas atividades para promover o “despertar” e a educação da fé, de tal maneira que esta se conecte com cultura das crianças e dos jovens da América Latina do século XXI.

²³ Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, III Congresso da UMAEL, México, 2003.

²⁴ Carlos Gómez, Reflexiones en torno al Proyecto Educativo Regional, Bogotá, 2001.

Por outro lado, o PERLA tem por base três eixos fundamentais que, no seu conjunto, dão uma maior intensidade ao projeto que se constrói:

O eixo teológico-pastoral

Este eixo se expressa nas seguintes dimensões:

- Uma **teologia da encarnação**, que encontra na opção de Jesus seu ponto de partida: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa-Nova aos pobres...*”(Lc 4, 18);
- Uma **eclesiologia de comunhão** mercê da qual nos reconhecemos como Povo de Deus (Concílio Vaticano II e documentos de Puebla e de Medellín, dos bispos da América Latina) povo no qual cada pessoa é chamada a participar no projeto das bem-aventuranças (Teologia do batismo).
- Uma **espiritualidade apostólica**, orientada para o compromisso, o amadurecimento da experiência cristã entendida como vocação para o serviço (pastoral vocacional e da juventude, e ministérios leigos).

O eixo antropológico-pedagógico

As dimensões deste eixo são as seguintes:

- Um **processo de humanização, libertação e transformação**, e como tal centrado na pessoa e na sua dignidade como filho ou filha de Deus e irmão ou irmã do universo; chamado ou chamada a participar e construir a partir da convivência social harmônica a nova civilização do amor. Ele enfatiza a centralidade da pessoa, o direito de participar e viver numa sociedade democrática e no respeito aos direitos das crianças e dos jovens.
- Um **processo de evangelização e de profecia**, que anuncia, denuncia, consola, reconcilia e celebra a fraternidade de homens e mulheres e do cosmos.

O eixo sociológico cultural

Este eixo se expressa nas seguintes dimensões:

- **Participação ativa dos beneficiários** em todos os processos e projetos, o que nos leva a considerar o educador como agente transformador da realidade, e a comprometer-nos em sua nobilitação. Insistimos aqui na sua formação, na igualdade de oportunidades e na equidade dos sexos;
- **Processos sociais e culturais** que exigem de nós que vivenciemos autênticos processos inter-culturais com base no respeito, na valorização, na animação, e, algumas vezes, na defesa das culturas locais, num contexto de uma convivência baseada na interculturalidade; prestar atenção às políticas culturais e aos processos de globalização, e sensibilizar-nos com a importância da harmonia ecológica;
- **Democracia** entendida como promoção de uma cultura da paz e da justiça para a qual temos que educar-nos pessoalmente e educar numa nova cidadania, para uma economia solidária e um desenvolvimento sustentável. Enfatiza-se aqui a formação na e para a economia solidária do desenvolvimento sustentável;
- **Ecumenismo. Diálogo Inter-religioso**, que nos compromete na formação no e para o respeito, a abertura e a inclusão ao tratarmos com aquilo que é diferente (outras confissões de fé, meninos e meninas de rua, anciãos, culturas indígenas...).

Síntese desta visão: A realidade como contexto. La Salle, no centro com : a) Espírito de fé e de zelo –b) Juntos e por associação a serviço educativo de pobres – c) Interdependência e comunidade, garantindo assim que os três eixos se conjuguem harmonicamente para dar coerência ao PERLA.

4

**OS PROGRAMAS DO
PROJETO EDUCATIVO REGIONAL LASSALISTA DA
AMÉRICA LATINA
- P E R L A -**

*“Está claro que a experiência vivenciada por
São João Batista de La Salle no seu tempo,
não oferece nenhuma solução para a vida no Instituto hoje...
Eu não o tomo como um modelo que deva ser reproduzido,
porém, muito mais como uma testemunha do Espírito Santo...*

*Para mim,
São João Batista de La Salle não é um oráculo,
mas um profeta do Espírito Santo;
o Fundador não é um alibi, e menos ainda uma soga
que nos dispense ou impeça de inventar,
mas um companheiro de viagem pelos caminhos do Espírito,
que é preciso traçar e discernir”.*

*Michel Sauvage, fsc
Lasalliana 41-3 ºc 175*

O Planejamento e a Caminhada que demos juntos nos permitiram fixar o olhar com menos ambigüidade e mais intensidade para aonde ir e como evitar a duplicação de esforços. O PERLA nos convocou para um processo permanente de reflexão-ação, que deu mais sentido à nossa faina educativa.

O PERLA nos oportunizou passar do discurso educativo ao pedagógico, da teoria à prática, dos ideários à realidade. Permitiu que nos antecipássemos aos acontecimentos, prefigurássemos os possíveis cenários e a viabilidade de nossas propostas. Ajudou-nos a ser corajosos e proféticos, e nos lançarmos para a frente sem medos. Fez com que completássemos o convite de Horácio “decida-se a aprender”, por “decida-se a atuar logo que souber”.

O risco sem conhecimento é perigoso, mas o conhecimento sem risco é inútil. Arriscar-se significa passar para além do visível, dar um salto no escuro, guiar-se por uma projeção razoável da realidade. A prospectiva hoje constitui um componente indissociável da mudança.

Os seis programas do PERLA tencionam responder ao compromisso permanente de transformação da educação lassalista na Região. Eles expressam os caminhos por onde queremos transitar para levar a chancela de nossas intenções como resposta às urgências educativas da Região. – Esses programas são: ²⁵

- Ilhas de criatividade;
- Obras de educação Formal e Não-formal;
- Universidades e Centro de Educação Superior;
- Atenção à Infância e à Juventude em situações de risco;
- Construção do Panorama Pedagógico Lassalista;
- Nobilitação do Magistério.

O gráfico abaixo dá uma idéia global desses programas:

		4. Panorama Pedagógico
1. Ilhas de Criatividade	3.	5. Nobilitação do Magistério
2. Obras de Educação		6.Crianças e Jovens em situações de risco
7. Suportes		8.

Apresento abaixo uma descrição de cada um dos seis programas e de seus suportes.

4.1. Ilhas de Criatividade

“A melhor forma de honrarmos e sermos fiéis ao espírito de La Salle não consiste tanto em conservar as obras educativas que herdamos, mas em responder com criatividade e audácia às necessidades educativas que o mundo de hoje nos apresenta” (Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, AIUL, Barcelona, 2004).

O Irmão Álvaro expressou à Assembléia da RELAL que “para uma refundação de nossa vida – sem deixar de fazer esforços pela renovação total de nossas comunidades e obras – deveríamos facilitar, em cada Província, a existência de uma ou mais **comunidades e obras** que fossem como **ilhas de criatividade** (Joe Holland), experiências-piloto que possam ir abrindo caminhos de futuro”.

Na verdade, na Região sempre existiram Ilhas de Criatividade, algumas pouco conhecidas, outras de aparição recente, mas todas elas responderam à atualização de nosso carisma, à refundação de nossa vida, e ao espírito da associação para o serviço educativo a pobres.

No mês de maio de 2003, na Guatemala, foram partilhadas 34 experiências de modalidades novas da missão lassalista. Sem dúvida, isso foi uma enorme demonstração de criatividade e de inspirações do Espírito Santo. É difícil encontrar uma caracterização para agrupá-las todas; em linhas gerais, porém, pode-se dizer que algumas experiências enfatizam temas como a etno-educação (indígenas, comunidades afro-americanas) e suas metodologias específicas (escolas, radiodifusão, espaços educativos formais e informais,...); outras são projetos inovadores levados

²⁵ Uma descrição operativa desses projetos se encontra no anexo *Plan Operativo PERLA, 2004-2005*.

a bom termo na escola formal (direitos das crianças, sensibilização com a justiça social); algumas são escolas formais ou informais para atendimento aos mais pobres (bairros de população marginalizada, de imigrantes, de excluídos sociais), ao passo que outras ainda enfatizam a educação popular (pedagogia libertadora e sua metodologia); algumas se voltam ao atendimento e à formação de professores em áreas difíceis, quer devido às condições sociais, quer ao pouco apoio governamental ou eclesiais, ou em lugares afastados e de difícil acesso; outras, finalmente, enfatizam o voluntariado missionário.

A despeito de sua variedade, todas têm a intencionalidade de servir os pobres e promover a justiça social. Algumas ilhas de criatividade se vêem desafiadas por vários fatores: necessidade de aprofundar-se no projeto político pedagógico das experiências; carência de financiamento estável; poucas estratégias de sustentabilidade e pouca continuidade do pessoal, entre outros.

Partilhar essas experiências e projetos tem sido uma fonte de inspiração para nossas Províncias e, ademais, tem proporcionado a possibilidade de criar novos projetos.

Para prosseguir desenvolvendo este programa, o PERLA propõe:

- Sistematizar e conceitualizar pedagogicamente as Ilhas de Criatividade em vista da construção e da atualização da pedagogia lassalista para o século XXI na América Latina e no Caribe;
- Socializar, através de publicações e de outros meios essas experiências e a pedagogia lassalista na América Latina, em face do século XXI;
- Projetar, convocar e realizar encontros de formação para o pessoal das ilhas de criatividade;
- Projetar, implementar e avaliar um sistema de comunicação inter-ilhas de criatividade, a fim de retroalimentar e enriquecer as experiências em andamento

4.2. Obras Educacionais formais e informais

“Não devemos pronunciar o nome de La Salle em vão” (José Pablo Basterrechea).

“Fazemos isto quando o convertemos num objeto de museu ou o reduzimos a uma recordação do tempo em que fomos estudantes e que sempre, como diz o poeta espanhol Jorge Manrique, foi melhor. Fazemos isto quando o presente é somente ocasião para celebrações festivas ou para projetos que giram em torno de nossos próprios interesses. Não pronunciamos o nome de La Salle em vão, quando ao fixar o olhar no futuro, os valores lassalistas aprendidos nas salas de aula de uma escola, nos inspiram serviços concretos em favor das crianças, dos jovens, dos pobres, da fraternidade, da paz e da unidade da família humana” (Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, III Congresso UMAEL, México, 2003).

Com este segundo programa, o PERLA tenciona incluir todas e todos os lassalistas do Continente, independentemente de onde estiverem. A opção pelos pobres e a promoção da justiça concernem a todos nós, e não somente àqueles que prestam serviços atuando em Ilhas de Criatividade.

É preciso reconhecer que com o lançamento do PERLA algumas obras de educação formal têm avançado em aspectos como os seguintes:

- Um número crescente de leigos se identificaram mais com o projeto lassalista;
- Foi efetuada uma revisão dos Projetos educativos em muitas das obras lassalistas;
- Têm sido formuladas experiências de escolas em pastoral para integrar plenamente a pastoral na vida do centro educacional;
- Um maior número de Irmãos têm manifestado uma atitude de maior abertura ao tema da associação;
- Houve uma gradual conscientização da defesa das crianças e, em alguns casos, foram elaborados planos e programas de formação nos Direitos das Crianças e dos Jovens nas obras educacionais do continente;
- Foram favorecidos e iniciados processos mais participativos de construção coletiva na Região, e foram conformadas redes em que se trocam experiências educativas;
- Foram incorporadas novas tecnologias, juntamente com uma reflexão sobre o uso ético delas;
- Iniciaram-se programas de formação dos professores, alguns deles com credenciamento universitário;

Observam-se algumas limitações das obras de educação formal e da informal:

- Em algumas obras de educação formal e informal persiste uma certa resistência às mudanças. Certas estruturas terão que ser inovadas e orientadas para as perspectivas propostas no PERLA;
- Há falta de um trabalho mais intensificado em temas urgentes como: Direitos Humanos, desenvolvimento sustentável...
- Não estão sendo assumidos plenamente o compromisso cristão dos jovens e a vivência da solidariedade.

Este programa nos ajudará a tornar realidade a saliente idéia do Irmão *Álvaro*, superior geral: *“A melhor maneira de honrarmos e sermos fiéis ao espírito de São João Batista de La Salle, não é tanto que mantenhamos as obras educativas que herdamos, mas que respondamos com criatividade e coragem às necessidades educativas que o mundo de hoje nos apresenta”* (AIUL, Barcelona, 2004).

Para prosseguir incrementando este programa, o PERLA propõe:

- Estabelecer programas de estudo - para as equipes diretivas e de docência – para aprofundar na dimensão ética e política da educação, visando à transformação das obras;
- Avaliar a pastoral de cada Província e suas obras para responder às necessidades da evangelização das crianças e dos jovens de hoje, e promover a escola em pastoral;
- Continuar com a reflexão em torno das urgências educativas, trabalhando uma por ano: democratização do conhecimento; novas tecnologias; educação de qualidade; educação nos e a partir do direitos humanos e do desenvolvimento sustentável; tomar como eixos transversais o anúncio explícito do Evangelho e a cultura, como espaço de acolhida do anúncio;
- Contribuir para a construção da perspectiva pedagógica e pastoral lassalista.

Neste programa é essencial o apoio das pessoas com encargo da educação de todas as Províncias da Região.

4.3.3 Universidades e Centros Universitários

“O crescimento das Universidades e dos Centros de Ensino Superior sem precedentes na história do nosso Instituto, em todas as Regiões do mundo, é um sinal dos tempos que não podemos ignorar nem desmerecer...Apraz-me convidá-los a viver com os olhos voltados para a frente, sem, todavia, esquecer as nossas raízes, para intuir novas maneiras de responder aos problemas de hoje, sendo criativos em suas iniciativas, e oferecendo àqueles que continuam ficando de fora dos benefícios da globalização que hoje desfrutamos, caminhos novos, iniciativas estimulantes, e alternativas capazes de dar sentido a suas vidas”. (Irmão Álvaro, AIUL, Barcelona, 2004).

O Encontro dos Irmãos Provinciais com as Instituições de Ensino Superior da Região foi muito importante no processo da elaboração do PERLA. Este, talvez, tenha sido o momento na história da Região em que foram sentidos mais profundamente as conexões e as responsabilidades das Universidades e dos Centros Universitários com o PERLA.

Por ocasião desse encontro foi percebida mais nitidamente a necessidade de chegar a uma conceitualização lassalista do ensino superior ao serviço de pobres e da promoção da justiça, bem como sobre a certeza de que as pesquisas realizadas nas universidades lassalistas podem e devem contribuir para aprimorar a qualidade da educação lassalista no continente, e contribuir para a construção da prospectiva pedagógica e pastoral.

Nestes últimos anos pudemos dar-nos conta que:

- Houve um crescimento sem precedentes das Universidades e Centros Universitários na América Latina;
- Há instituições de ensino superior que deram provas de estarem abertas à participação nas propostas da RELAL e do PERLA; e foi nelas onde a reflexão do Projeto Educativo Regional e suas implicações se desenvolveram com mais profundidade;
- Existe uma realidade ambivalente entre os leigos que agem como funcionários e leigos que participam na dinamização da vida universitária num plano de associação;
- Mesmo que exista uma estrutura acadêmica e se conte com recursos físicos que garantam o tratamento da temática humana e cristã - de maneira ordenada e sistemática, propiciando atividades de inserção e trabalho pelos necessitados – nem sempre esses processos causam impacto na vida dos acadêmicos. E tampouco, no desenvolvimento da comunidade universitária, fomentando compromissos solidários com as necessidades reais dos pobres;
- Com muita frequência, a pastoral universitária se resume essencialmente na administração dos sacramentos;
- Repetitivamente, a universidade lassalista oferece um ensinamento da fé, e não uma autêntica evangelização da cultura.

O PERLA parte da idéia de que a proposta universitária lassalista não deve refugiar-se num ensinamento neutro, numa ciência que não serve em nada para ninguém, mas acaba servindo só a quem paga por ela, ou em atividade docente que ignora o mundo que respira e sofre fora das salas de aulas. O que importa é que a universidade lassalista esteja consciente da realidade e do serviço que deve prestar aos mais pobres, e que patrocine uma solução alternativa para uma maneira de pensar exclusiva.

Devido a isto, no programa é proposta a promoção do que segue:

- Continuar com as conferências e jornadas de formação com o pessoal das universidades e dos centros universitários para o conhecimento do PERLA;
- Elaborar um sistema de credenciamento lassalista de qualidade que parta de uma revisão crítica dos sistemas de credenciamento que se promovem hoje na América Latina e no Caribe;
- Idealizar e incentivar uma diplomação virtual em Lassalianismo;
- Realizar uma investigação comparada sobre culturas juvenis na Região;
- Realizar uma pesquisa sobre a situação dos Direitos das Crianças e dos Jovens na Região.
- Efetivar uma proposta catequética e evangelizadora à luz dos resultados das pesquisas mencionadas, estabelecendo uma relação dialógica entre fé e cultura.

4.4. A atenção prestada a Crianças e a Jovens em situações de risco

"A capacidade dessas crianças e desses jovens de continuar existindo sempre me despertou a curiosidade, e hoje me causa admiração e satisfação, porque eu amo a vida... Conheço dúzias de crianças, com sete a oito anos de idade, que cuidam maravilhosamente bem de seus irmãozinhos ou irmãzinhas menores, os alimentam, os educam, e vale a pena ver com que habilidade os carregam a cavalo nos seus franzinos quadris, de um lugar a outro. Aos nove anos de idade já conseguem superar a mingudíssima economia familiar, vendendo bombons ou panos de prato nos semáforos... Oxalá, chegue o dia em que a consciência moral das pessoas as convença a erigir monumentos aos vendedores de bombons e às vendedoras de panos de prato nos semáforos, aos ágeis e diligentes entregadores adolescentes de jornais, de mensagens, aos distribuidores de folhetos de propaganda, aos catadores de papelão e de papel usado, latinhas de alumínio e de garrafas de plástico, que, com suas economias, como que brotando de fontes subterrâneas, fazem reverdecer as hortas mais humildes, evitando que a voracidade de alguns esgote tudo!" (Martinez Reguera) .²⁶

A situação das crianças e dos jovens na América Latina mudou muito pouco. A pobreza continua tendo rosto entristecido de menino ou de menina. Crianças em situação de risco não são somente aquelas que perambulam pelas ruas. Estão em situações de risco outros milhões de crianças vítimas de sociedades fragmentadas, de famílias de casais separados, filhos de pais submetidos a trabalhos com remunerações injustas ou desproporcionadas, de maus sistemas educativos e meios de comunicação alienantes e desumanizadores.

Nosso Instituto nunca se omitiu de sua vinculação fundacional com os pobres, em especial crianças e jovens. Essa preocupação, de alguma maneira, deveria converter-se no cerne da reflexão da Região, visto que ela constitui um fenômeno social doloroso e vergonhoso.

Poderíamos dizer que a defesa dos Direitos das Crianças e dos Jovens sempre esteve presente em nossa história. Teremos razão se com isto entendermos que sempre mantivemos escolas para alunos pobres. Mas quando o Irmão *John Johnston* surpreendeu o Instituto com este tema, no fundo quis expressar que chegou a hora de remediar essa necessidade com novas interpretações, à luz da situação atual da infância e da juventude, nos contextos dos diferentes países do mundo, e com uma nova inspiração carismática, a ponto de poder servir de tema que faça ver e realizar de maneiras diferentes o carisma educativo do ministério educativo dos lassalistas. Em sua carta pastoral, de janeiro de 1999, o Irmão *John Johnston* nos expressou que: "...a situação

²⁶ Cachorros de nadie, Madrid, Ed. Popular, 179 e 180.

das crianças pobres no mundo atual é um escândalo inexplicável, e que o nosso carisma lassalista nos convida a sermos solidários com as crianças desamparadas, abandonadas, marginalizadas e exploradas, e que isto deve constituir um objetivo especial de nossa missão”.

O 43º Capítulo Geral, na proposição 14, reiterou a transcendência do tema, e pediu que fosse incluído como prioritário nos planos de ação para os próximos sete anos. Em outras palavras, o tema hoje se constitui no espaço privilegiado para a vivência do ministério lassalista e, inclusive, podemos dizer, que todas as nossas instituições e obras educativas têm obrigação de incluí-lo como elemento essencial.

Mesmo que tenha havido experiências inovadoras - na maioria dos casos isoladas - elas continuam sendo uma exceção à regra em nossa Região.

Por isso, o PERLA propõe-se neste projeto:

- Realizar um diagnóstico da situação das crianças e dos jovens na Região, com o apoio de nossas Universidades e Centros Universitários;
- Discernir e definir ações, experiências e projetos de serviços educativos, em nível das Províncias, na linha da educação popular, para que os jovens, meninos e meninas em situações de risco social dos quais nos ocupamos, reencontrem o gosto de viver e sua capacidade de sonhar, o que exigirá a formação de educadores neste campo de atuação.
- Buscar contatos e alianças com outras instituições e organizações que também decidiram servir as crianças e os jovens em situações de risco.

4.5. Construção de uma prospectiva pedagógico-pastoral lassalista

A Assembléia Regional intuiu a importância de estabelecer conjuntamente a prospectiva pedagógico-pastoral da ação dos lassalistas no Continente. Esta nos permitirá adotar pontos de vista comuns, estabelecer parâmetros para a reflexão e a ação e aclarar propósitos. Contudo, como prospectiva, será sempre um ideal em elaboração, que se irá modificando no decorrer do processo de construção.

Tenciona-se que a prospectiva pedagógico-pastoral seja um marco notório que dê sentido e ilumine o caminho dos demais projetos do PERLA; significa isto, que seja o fundamento filosófico, teológico e pedagógico, a partir do qual se articula a dinâmica educativa lassalista na América Latina.

Não se trata de uma camisa-de-força para a Região, mas, pelo contrário, que a liberdade de iniciativas em cada Província terá um elemento de coesão que dará orientação e significado à sua construção.

A prospectiva será o resultado de uma produção coletiva e não o reflexo do pensamento de três ou quatro especialistas. Levará a chancela e a marca deste momento latino-americano, mas colherá, por sua vez, a história e a reflexão de lassalistas que, no passado, se comprometeram e foram pioneiros ao abraçar misericordiosamente a realidade, justamente ali onde mais fere e dói: os pobres.

Essa prospectiva tenciona “recuperar a busca de sentido no cotidiano que tem caracterizado a obra de La Salle, essa disposição de estar aberto para se questionar, e de buscar respostas

alternativas para o devir da vida educativa em que sempre haverá uma tensão entre o que permanece imutável e o que muda, entre o decisivo e o inovador, entre ignorância e conhecimento...²⁷

A prospectiva:²⁸

- Não tentará instalar a uniformidade, mas a unidade;
- Não terá por objetivo separar mas inter-atuar com outros esforços e textos institucionais e/ou provinciais;
- Não invalidará nem suprimirá as experiências fora do comum, mas lhes fará ganhar novas forças e lhes atribuirá um nome;
- Não fará referências ao “como deveria ser”, mas se servirá do “como projetamos”;
- Não elaborará regulamentos, mas montará uma estrutura geral que sirva de meio para dar um significado novo àquilo que já foi feito, aquilo que já se está fazendo, aquilo que deverá ser praticado na linha de uma pastoral pedagógica integrada, à feição de uma síntese que já não admite que se trabalhe em paralelo;
- Não será uma proposta para ser pensada por outros, mas “com” outros;
- Não ditará, com olhares críticos, o que está e o que não está autorizado, mas se responsabilizará por uma maneira de ler e de facilitar a busca de novos ângulos e perspectivas de abordar a complexidade de uma área, e a dificuldade de seus permanentes desafios.

Finalmente, esta prospectiva fará referência ao conjunto de significados partilhados na Região latino-americana, mas também às tensões, debates, ritos e hábitos em curso nesta Região entre os atuantes que ali convivem uma grande parte do dia, cinco ou seis dias por semana, e durante as muitas semanas do ano, e como isto se traduz em práticas e vivências nas salas de aula, nos corredores, nos recreios, nas reuniões, nos cursos, na convivência...

Sua **intenção** é a de constituir-se em **guia** para ajudar aos lassalistas da Região em sua faina, orientar as instituições em seus próprios projetos e possibilitar às comunidades educativas a avaliação de sua pertença lassalista.

4.6. Nobilitação do magistério para a transformação social

“É um fato que o Fundador se dedicou mais à formação dos professores do que à educação direta dos meninos... Educação dos próprios Irmãos como Professores e educação dos Professores para as áreas rurais. As duas iniciativas manifestam uma resposta a uma necessidade concreta à problemática educacional de sua época. Expressam a atitude espiritual de nosso Fundador sempre atento a deixar-se impressionar pela realidade como espaço teológico da presença e dos chamados de Deus. O Fundador intuiu muito em breve que a educação espiritual dos Irmãos implicava uma atenção à sua formação profissional: só poderiam “anunciar o Evangelho” por seu ministério, na medida em que fossem competentes e qualificados. Por isso, o Fundador se preocupou pela preparação técnica deles” (Sauvage e Campos: *Annoncer l’Évangile aux Pauvres*, pág. 271, 281).

Poucas profissões são tão minimamente valorizadas quanto o magistério: as professoras e os professores são acusados de perpetuarem o sistema, de se manterem ancorados numa metodologia obsoleta, e, ao mesmo tempo, sua profissão é uma das menos bem pagas e menos reconhecidas. Em muitos casos, os professores, mais do que como servidores da sociedade, são vistos

²⁷ Prospectiva Pedagógica da Argentina-Paraguai.

²⁸ Idem

como empregados dos pais dos alunos que educam, e muitos vêem nesta profissão uma solução para a incapacidade de encontrar uma melhor oportunidade social e econômica.

Na realidade, os professores são vítimas dessas incriminações que lhes pesam nos ombros, aviltam sua vocação e enlanguescem suas melhores intenções. Quanto a isto, *Michael Fullan* assevera: “Os professores têm a honra de serem simultaneamente o pior dos problemas e a melhor das soluções na educação”.

Os lassalistas latino-americanos, reconhecemos nos professores e nas professoras as pessoas que exercem o papel mais importante nas mudanças necessárias, pois eles encarnam o currículo e a pedagogia. Suas crenças, convicções, saberes, valores, competência e atuações definem melhor o quê e como se ensina (e aprende) na sala de aula e na instituição escolar, do que o currículo prescrito (o currículo-documento, o ideário).

Temos a convicção de que a necessidade de formar integralmente professores foi a prioridade para La Salle, e que esta formação aparentava ser seu objetivo pedagógico fundamental, bem como nos indica o Irmão *Pedro Gil*.

A tarefa da nobilitação do magistério acarreta andar um longo caminho, e exigirá muita imaginação.

Partindo da idéia que a formação dos professores, homens e mulheres, constitui parte inerente do *establishment* do Instituto, e que a opção pelo serviço educativo a pobres será mais coerente caso os professores e as professoras se envolverem por decisão pessoal, o PERLA se propõe neste programa:

- Iniciar um movimento lassalista latino-americano, que nos identificará nos próximos anos. Um movimento em favor do ensino como bem público e em favor da nobilitação da profissão do magistério latino-americano;
- Elaborar um diagnóstico social, cultural e econômico que exponha detalhadamente a situação da educação pública e da profissão de docente em nossos países;
- Efetivar uma análise comparativa da situação atual do ensino público e dos professores da Região;
- Nobilitar a profissão do magistério, procurando tornar a opinião pública e as políticas em matéria de ensino mais sensíveis quanto à importância de valorizar essa vocação e, como consequência, melhorar as condições pedagógicas e de trabalho;
- Buscar meios para atingir os objetivos deste pilar ineludível e essencial do PERLA, mais especialmente: sensibilização, conscientização, publicações e uniões harmoniosas com instituições que também lutam em favor do ensino público e de reivindicações dos professores, e com eles.

O PERLA nos oferece a oportunidade de sermos reconhecidos no continente pela defesa da educação pública e, juntamente com muitos homens e mulheres de boa vontade, promovermos a nobilitação do magistério.

Para levar a bom termo esses seis programas, o PERLA conta com dois projetos de sustentação:

- a) **A comunicação a serviço do PERLA:** Num projeto educativo como o PERLA, a comunicação é de suma importância para chegar aos intercâmbios que favoreçam a consecução

dos programas e para contribuir para o fortalecimento da família lassalista latino-americana. - O PERLA se propõe, entre outras ações, a criação de uma tribuna comunicativa que permita o intercâmbio em via dupla entre Irmãos, leigos e as diversas equipes, comunidades e obras.

- b) **SECOLA a serviço do PERLA.** – A fundação SECOLA – *Serviço de Cooperação Educativa Latino-americana* tem por função garantir ao PERLA o apoio financeiro necessário. Ela o fará mercê da solidariedade dos lassalistas e de outras pessoas e instituições. – Dentre outras ações, a SECOLA tenciona lançar campanhas de solidariedade e implementar um posto de investigação da justiça e da paz, centrado em torno do direito à educação de qualidade das crianças e dos jovens da Região.

Os programas do PERLA apontam para um paradigma novo...

Um paradigma novo que se procurará elaborar na perspectiva pedagógico-pastoral. Paradigma novo em que a educação se centralizará nas **experiências de aprendizagem**.²⁹ Essas experiências apresentam as seguintes características:

1. **São parte da vida**, e, oxalá, o sejam da vida cotidiana. Uma das experiências pedagógicas de base é que os participantes queiram desempenhar sua função;
2. **Entram pelos sentidos**, e, oxalá, seja pelo maior número dos sentidos. O desenvolvimento da capacidade de sentir é outro requisito básico da aprendizagem;
3. **São vivenciadas prazerosamente** e num ambiente lúdico;
4. **Despertam o interesse e a fascinação**. Implicam e “complicam” os educandos;
5. **Geram, criam e recriam relacionamentos com o contexto**, que é um dos pontos de partida;
6. **Acomodam implicações pessoais, comunitárias e sociais**;
7. **Ajudam a transformar a realidade**;
8. **Os recursos se conectam com a mente do aprendiz, através da meditação e de diversas pistas que se entrecruzam**;
9. **São expostas através de metáforas de interação**, que é a única linguagem capaz de aceder à complexidade, porque, como diz Bateson: “A metáfora é a própria vida”.
10. **Fazem bom uso dos recursos tecnológicos para o desenvolvimento do ser**.
11. **Fornecem espaços pedagógicos que canalizam as experiências de aprendizagem, a partir da noção de território**. Segundo o IICA (*Instituto Inter-americano de Cooperação para a Agricultura*, 2002) o território é uma unidade espacial com contextura social própria (com sua história e sua cultura próprias), assentada numa base com recursos naturais particulares, que apresenta certas formas de produção, consumo e intercâmbio, e que é regida por instituições e formas de organização também particulares” (IICA, 2002).

Os programas do PERLA são um apelo para a refundação...

Se conseguirmos levar a bom termo os programas mencionados, seremos mais significativos e menos inócuos no contexto sócio-político em que atuamos. “Não podemos continuar mantendo posições políticas tão sem expressividade, quando está em jogo a sorte dos pobres num mundo em que tão pouca gente se interessa por eles”. Considerando que, como disse o Irmão Álvaro, superior geral, “nosso Instituto nasceu nos confins de uma desumanização”, e que hoje estamos assistindo perplexos a outro processo de desumanização com matizes parecidos -

²⁹ Cf. Gutiérrez y Prado, Conferência, Guatemala, 2005.

ainda que em contextos e realidades muito distintos ao que deu origem à fundação do Instituto – com certeza o PERLA será o palco onde poderemos concretizar a **refundação**.³⁰

CONCLUSÃO

O PERLA, com certeza, é o mais coerente e produtivo projeto da RELAL até este momento, com as inferências de mais longo alcance e extensão. Ele nos exige uma atitude de aceitação de mudanças, como escreveu *Esprú*: “Sem pressão humana não existe mudança. Sem paixão... ou compaixão, não haverá persistência suficiente na rebeldia. Os outrora comprometidos com a mudança se tornam flexíveis. E a imprescindível “conspiração civil”, como *Pedro Durán Farell* costumava denominá-la, cessa prematuramente e a gente se conforma com as coisas como são, desistindo torná-las como deveriam ser”³¹

Ainda que, certamente, pareça existir um vazio de ideologias, é também certo que não há, não deve haver, e não pode haver um vazio de idéias e de ideais. Vamos recuperar o fogo coletivo de La Salle, e apostemos na construção de pessoas melhores e de uma nova sociedade mais equitativa e inclusiva. A construção de uma educação que sempre atue como consciência crítica e estimule constantemente nosso fazer para responder aos “novos filhos e filhas dos pobres e dos artesãos” da nossa sociedade latino-americana.

O PERLA quer ser mais um chamado do Espírito para a transformação não só dos nossos corações, mas nossos relacionamentos educativos, estruturas e dinâmicas. Um vigoroso apelo para construir a nova face do Instituto na América Latina.

O PERLA tem um longo caminho a percorrer pela frente, mas as coisas são assim quando se trata da vida. Isto não é uma desvantagem, é um sinal a mais da vitalidade que o Instituto tem na Região. O futuro se abre para os lassalistas na América Latina como oportunidade para a imaginação e a criatividade. Entre estas se escondem, de maneira surpreendente muitas oportunidades para a fidelidade ao projeto que um dia o Espírito Santo confiou a São João Batista de La Salle.

³⁰ GÓMEZ, Carlos, *Reflexiones en torno al Proyecto Educativo Regional*, Bogotá, 2001.

³¹ Conferência de Fwederico Mayor, Barcelona, 2003.

QUESTIONÁRIO

Para refletir e partilhar em grupos

1. Quais elementos das primeiras partes - Cenário e Urgências Educativas - lhes despertaram mais a atenção? - Perceberam algumas realidades que desconheciam, e lhes provocaram alguns questionamentos? - Vocês consideram viáveis, e com perspectivas de êxito, as propostas para responder às urgências?
2. Na parte 4 são descritos os seis programas do PERLA. De acordo com a exposição que precede neste Caderno, quais são aqueles que vocês privilegiariam mais?
3. Quais das expostas neste Caderno, vocês incorporariam em suas situações (centros educacionais, missão ou apostolados que estão desempenhando) ? Valeria a pena explorar alguma linha de ação?